

The background features a stylized illustration of a large tree with green foliage on the left side. To the right, there is a building with a yellow facade and a dark roof. The overall style is soft and artistic, with a light, airy feel.

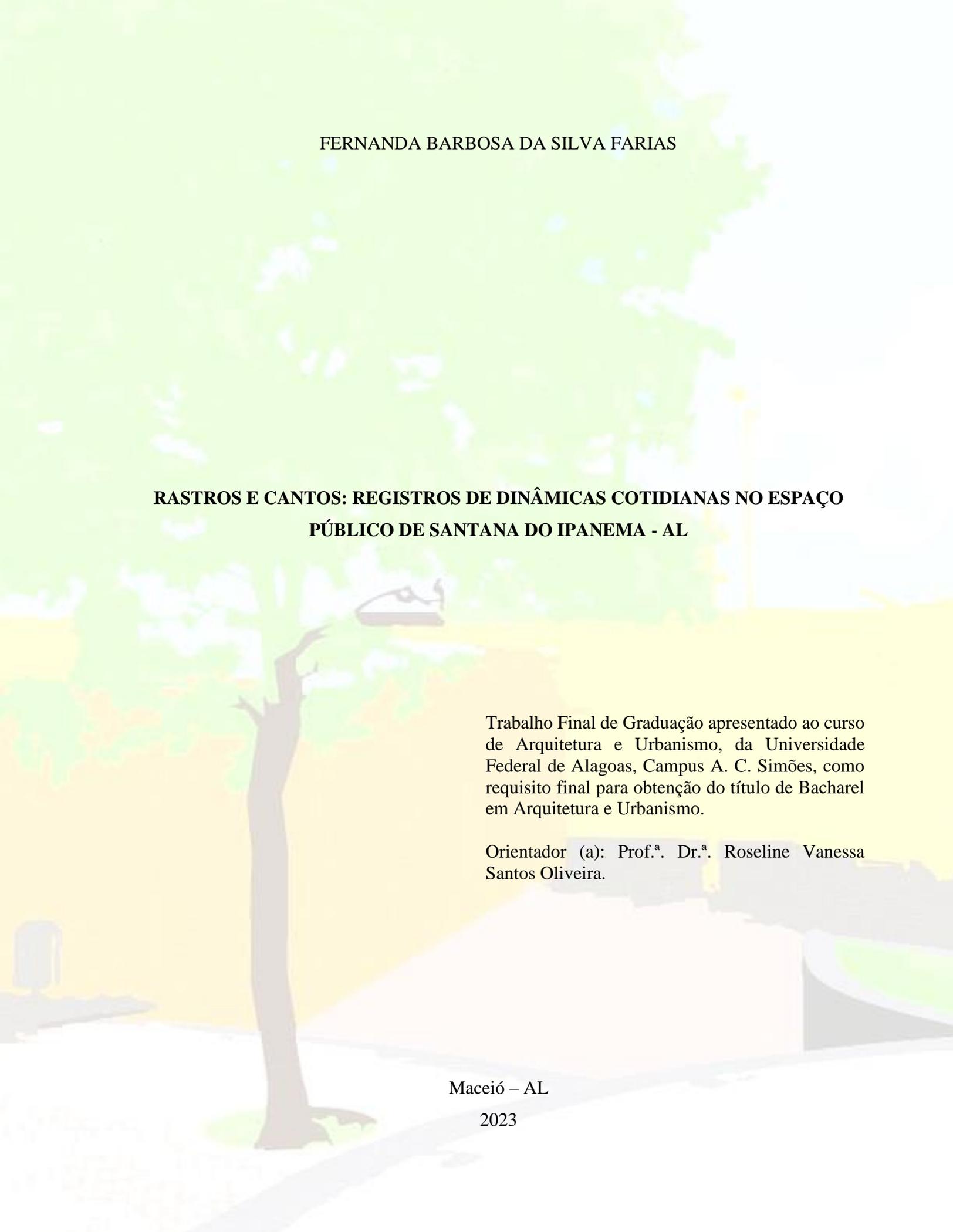
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CAMPUS A. C. SIMÕES  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

FERNANDA BARBOSA DA SILVA FARIAS

**RASTROS E CANTOS: REGISTROS DE DINÂMICAS COTIDIANAS NO ESPAÇO  
PÚBLICO DE SANTANA DO IPANEMA – AL**

MACEIÓ

2023



FERNANDA BARBOSA DA SILVA FARIAS

**RASTROS E CANTOS: REGISTROS DE DINÂMICAS COTIDIANAS NO ESPAÇO  
PÚBLICO DE SANTANA DO IPANEMA - AL**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Alagoas, Campus A. C. Simões, como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Roseline Vanessa Santos Oliveira.

Maceió – AL

2023

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

F224r Farias, Fernanda Barbosa da Silva.  
Rastros e cantos : registros de dinâmicas cotidianas no espaço público de Santana do Ipanema - AL / Fernanda Barbosa da Silva Farias. - 2023.  
88 f. : il. color.

Orientadora: Roseline Vanessa Santos Oliveira.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 86-88.

1. Espaço urbano. 2. Espaço público - Santana do Ipanema (AL). 3. Rastros. 4. Fotografias - Registros. I. Título

CDU: 711.4(813.5)



Acima de tudo, agradeço a Deus por ter chegado até aqui. Seus caminhos são infinitamente melhores que os meus. Nada teria sido possível sem o seu sim. Aos caminhantes desta etapa, sem vocês, não teria partilhado a cidade por outros olhares e aprendido a pausar quando preciso.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus, por ter me proporcionado tantas lições e por tanto amor para comigo, a fim de chegar até este momento. Toda honra e glória a ti!

Aos meus pais, Luciano e Rose Mary, por acreditarem em meus sonhos, mesmo sem muitas vezes entender certas decisões, me apoiaram e sempre estiveram comigo.

À minha irmã, Barbara, por torcer por minhas conquistas e me ajudar, mesmo que apenas com palavras, a continuar a caminhar sempre em frente.

Aos meus amados sobrinhos, Bernardo e Dante, por sempre me arrancarem sorrisos e facilitar o processo de formação. Vocês são minha fonte de inspiração e alegria.

Às amigadas que a Universidade Federal de Alagoas me apresentou, desde Arapiraca: Indyara, Bruna Kívia e Renata Larissa (companheiras da casa mais aconchegante dos universitários de Arapiraca).

Aos amigos do curso de Arquitetura e Urbanismo, que foram e continuarão sendo minhas referências de profissionais humanos e éticos, Tyane Melo, Carine Alexandre, Jussara Manuela e Lílian Leite. Com vocês, a faculdade tinha mais cor, amo vocês.

Ao meu querido companheiro de caminhada, Cleber, por debruçar seu olhar junto ao meu, na escrita e visitas aos espaços públicos.

Aos caminhantes durante o registro em campo, tão essenciais em meus momentos enquanto observadora da cidade... meu olhar ficou mais sensível por vocês: Bernardo, Dante, Otavio, Barbara, Cleber e mainha.

A todos os professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, por todo ensinamento partilhado e desafios impostos.

À minha orientadora, Roseline Oliveira, que me abriu as portas da poética imprimida nas paisagens e na arquitetura, e por me conduzir até aqui.

À banca examinadora, pelas perspectivas de melhorias e contribuições no trabalho em questão.

## RESUMO

Este trabalho parte do pressuposto de que a percepção do ambiente urbano vem da desaceleração do andar. Assim trata-se o ato de pausar, permanecer, ao permear a cidade enquanto aspecto do ofício do arquiteto e urbanista. A paisagem percorrida para construir essa questão e nela avançar foi a de Santana do Ipanema, localizada no interior de Alagoas. Nesse processo, foram observadas as áreas destinadas ao uso coletivo, considerando sua participação nas dinâmicas cotidianas do dia a dia, bem como no calendário de festividades. Tendo por objetivo compreender essa dinâmica de apropriação optou-se por registrar em fotografia os locais visitados e construir painéis gráficos com base em imagens capturadas pelo Google Earth. A análise e sistematização desse material permitiu identificar características físicas espaciais e apropriações em favor da realização de práticas sociais coletivas. Já nas análises empíricas, foi percebido o quanto o entorno interfere significativamente no grau de permanência das pessoas nos espaços públicos coletivos. Isso me levou a entender que caminhar pela cidade frente às mudanças na configuração de locomoção atuais e, conseqüentemente, dos usos destinados ao espaço urbano coletivo e público, é um ato de protesto, principalmente contra a celeridade das trocas sociais desenvolvidas, que em decorrência dessas mudanças (uso do entorno imediato, fluxo de pedestres em horários distintos, infraestrutura e mobiliários que favoreçam a permanência), transformam tais lugares, que antes eram espaços de pausa para trocas, em áreas de passagem rápida. Nesse sentido, enquanto elemento da malha urbana, percebi que as praças de Santana fazem parte do conjunto da construção de uma localidade. Seus usos, quando replicados de forma pontual em relação ao mobiliário urbano disposto, não geram, por si só, a apropriação que se pretende com o ambiente construído, mas a mescla dessas funcionalidades são responsáveis pelas dinâmicas desenvolvidas e que mantém a constante transformação do espaço público edificado.

**Palavras-Chave:** cantos; espaços públicos; rastros; registros.

## ABSTRACT

This work is based on the assumption that perceiving the urban environment starts from the deceleration of walking. Thus, it is the act of pausing, remaining, permeating the city as an aspect of the architect's and urban planner's craft. The landscape covered to construct this question and move forward in it was that of Santana do Ipanema, located in the interior of Alagoas. As part of this process, the areas intended for collective use were observed, taking into account their participation in the day-to-day dynamics, as well as in the calendar of festivities. In order to understand this dynamic of appropriation, we decided to photograph the places we visited and build graphic panels based on images captured by Google Earth. The analysis and systematization of this material made it possible to identify physical spatial characteristics and appropriations in favour of collective social practices. In the empirical analyses, I realized how much the surroundings significantly interfere with the degree to which people stay in collective public spaces. This led me to understand that walking through the city in the face of changes in the current configuration of locomotion and, consequently, the uses of collective and public urban space, is an act of protest, especially against the speed of the social exchanges developed, which as a result of these changes (use of the immediate surroundings, pedestrian flow at different times, infrastructure and furnishings that favor permanence), transform such places, which were once spaces for pausing for exchanges, into areas of rapid passage. In this sense, as part of the urban fabric, I realized that Santana's squares are part of the overall construction of a locality. Their uses, when replicated in a punctual way in relation to the street furniture provided, do not in themselves generate the appropriation that is intended for the built environment, but the mixture of these functionalities are responsible for the dynamics developed and which maintain the constant transformation of the built public space.

**Keywords:** corners; public spaces; tracks; records.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Imóvel desocupado, com testada fechada, localizado na rua Delmiro Gouveia, bairro Camoxinga .....19
<b>Figura 2</b>	Terreno sem uso, com testada fechada, localizado na rua Nilo Peçanha, bairro Monumento .....20
<b>Figura 3</b>	Recorte da zona urbana do município de Santana do Ipanema, com foco na expansão residencial.....23
<b>Figura 4</b>	Fotografia das praças Senador Enéas Araújo (mais próxima ao fotógrafo) e Manoel Rodrigues da Rocha (presença do obelisco) ainda separadas, com a presença da igreja Matriz de Senhora Santana ao fundo.....25
<b>Figura 5</b>	Fotografia das antigas Usinas de Beneficiar Algodão Domicio Silva & Cia.....27
<b>Figura 6</b>	Painel do primeiro registro fotográfico das praças da cidade de Santana do Ipanema, com informações sobre minhas impressões e demonstração do percurso realizado.32
<b>Figura 7</b>	Fotografia da praça São Cristóvão, com a presença ao fundo, do antigo Hospital Maternidade Dr. Arsênio Moreira da Silva.....44
<b>Figura 8</b>	Painel do segundo registro fotográfico das praças da cidade de Santana do Ipanema, com informações sobre minhas impressões e demonstração do percurso realizado.46
<b>Figura 9</b>	Painel do terceiro registro fotográfico das praças da cidade de Santana do Ipanema, com informações sobre minhas impressões e demonstração do percurso realizado.52
<b>Figura 10</b>	Painel do quarto registro fotográfico das praças da cidade de Santana do Ipanema, com informações sobre minhas impressões e demonstração do percurso realizado.63
<b>Figura 11</b>	Painel do quarto registro fotográfico das praças da cidade de Santana do Ipanema, com informações sobre minhas impressões e demonstração do percurso realizado.71
<b>Figura 12</b>	Painel do registro independente fotográfico do eixo principal da feira livre da cidade de Santana do Ipanema, com informações sobre minhas impressões e demonstração do percurso realizado .....74
<b>Figura 13</b>	Registro da praça Manoel Rodrigues da Rocha, em horário noturno, em uma das noites da novena Festa de Senhora Sant'Anna, onde ficam os quiosques .....80
<b>Figura 14</b>	Registro da praça Manoel Rodrigues da Rocha, em horário matutino, mostrando a parte da praça em que há maior diferenciação de níveis na topografia.....81

- Figura 15** Registro da praça Senador Enéas Araújo, em período diurno, a fim de mostrar os elementos e potencialidades presentes no equipamento público. ....82
- Figura 16** Registro da segunda parte da praça Senador Enéas Araújo, em período diurno, com ângulo de captura com foco nas potencialidades da praça .....83
- Figura 17** Registro com captura aproximada de uso do mobiliário urbano existente na praça Senador Enéas Araújo, em horário matutino. ....84

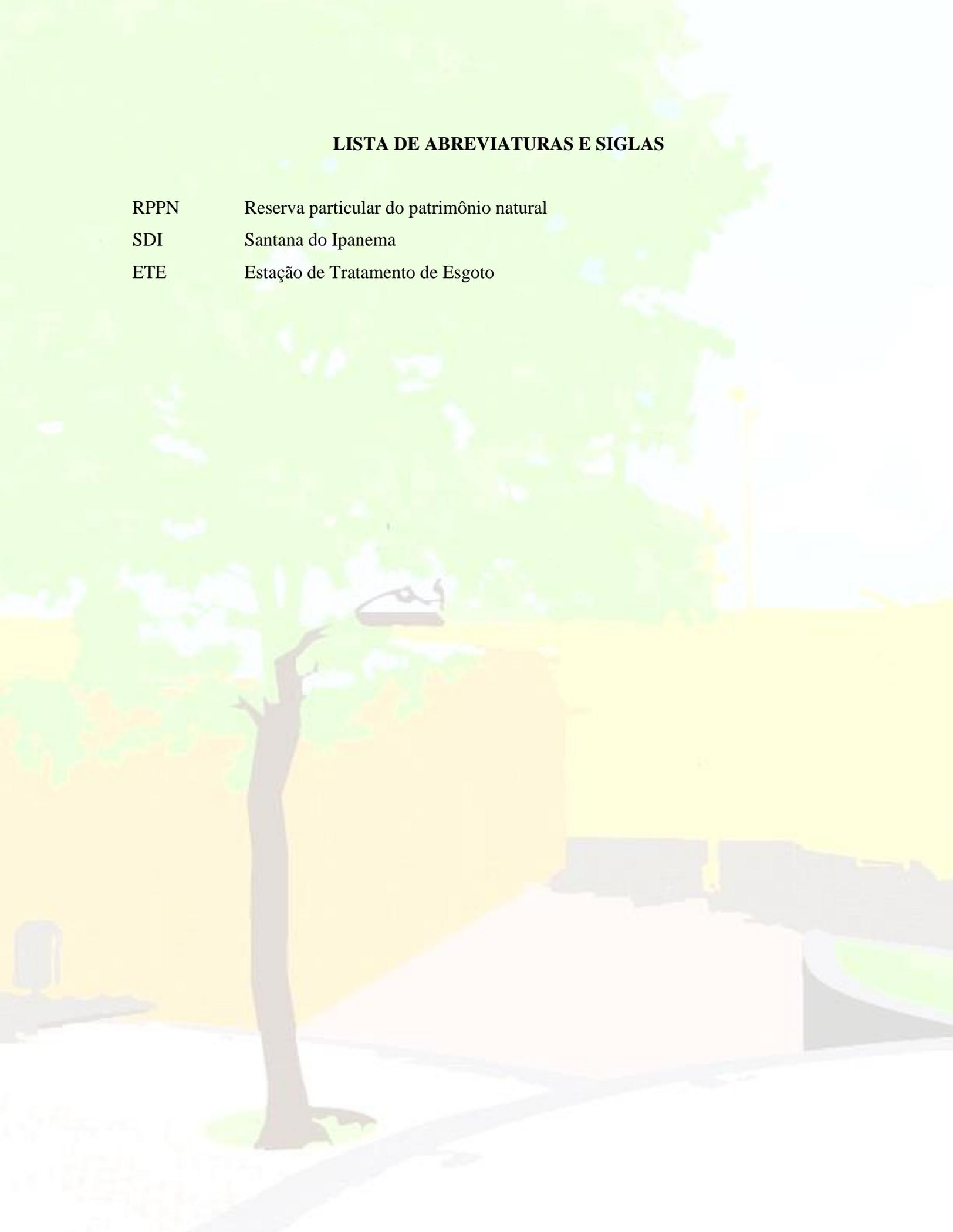


## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 1 – nome não identificado .....	33
<b>Quadro 2</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 2 – Antônio Pacífico Santos .....	35
<b>Quadro 3</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 3 – praça de eventos Prefeito Paulo Ferreira de Andrade .....	37
<b>Quadro 4</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 4 – São Cristóvão.....	39
<b>Quadro 5</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 5 – Espaço de Convivência Antônio Menezes da Silva.....	41
<b>Quadro 6</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 6 – São Pedro.....	47
<b>Quadro 7</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 7 – nome não identificado .....	49
<b>Quadro 8</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 8 – Floriano Salgueiro Silva .....	49
<b>Quadro 9</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 9 – Senador Enéas Araújo e Manoel Rodrigues da Rocha .....	53
<b>Quadro 10</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 10 – Alberto Agra Nepomuceno.....	55
<b>Quadro 11</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 5 – nome não identificado .....	57
<b>Quadro 12</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 12 – Lions .....	59
<b>Quadro 13</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 13 – Dr. Adelson Isaac de Miranda .....	59
<b>Quadro 14</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 14 – Frei Damião .....	64
<b>Quadro 15</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 15 – Manoel Medeiros de Aquino .....	66
<b>Quadro 16</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 16 – São José .....	68
<b>Quadro 17</b>	Impressões e registros fotográficos: praça 17 – Santa Luzia .....	72
<b>Quadro 18</b>	Impressões e registros fotográficos – Feira Livre de Santana do Ipanema .....	75

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

RPPN	Reserva particular do patrimônio natural
SDI	Santana do Ipanema
ETE	Estação de Tratamento de Esgoto



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>HABITANDO SANTANA .....</b>	<b>15</b>
2.1	HABITAR COMO FENÔMENO URBANO .....	16
2.2	AS RECENTES TRANSFORMAÇÕES URBANAS: RECORTE DA ZONA URBANA DE SANTANA DO IPANEMA .....	21
2.3	UM OUTRO PASSEIO POR SANTANA DO IPANEMA .....	24
<b>3</b>	<b>CAMINHAR: ATO PRIMÁRIO DE TRANSFORMAÇÃO SIMBÓLICA DO TERRITÓRIO .....</b>	<b>30</b>
3.1	TRAJETÓRIA 1 .....	31
3.2	TRAJETÓRIA 2 .....	45
3.3	TRAJETÓRIA 3 .....	51
3.4	TRAJETÓRIA 4 .....	62
3.5	TRAJETÓRIA 5 .....	70
3.6	FEIRA LIVRE DE SANTANA DO IPANEMA.....	73
3.7	PERCEPÇÃO AO E DO CAMINHAR .....	77
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES DE UM CAMINHO .....</b>	<b>87</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os resquícios, vestígios, são importantes para compreender a cidade? Se sim, até que ponto e como? Quando me faço esses questionamentos, percebo que o papel do profissional do urbanismo é fomentado na análise dos detalhes, desde as menores, até as escalas de grande proporção, e que para se conceber uma ideia, é preciso experienciar processos, esboçar conceitos, solucionar partidos. Entendendo que a arquitetura e sua apropriação evidenciam potenciais, e que neste trabalho, o contexto urbano é elencado como ponto de partida, busco registrar os cantos<sup>1</sup> e seus rastros<sup>2</sup> na cidade enquanto marcos que permitem a interação com o mais representativo lugar de ação do arquiteto urbanista: a cidade (FIORIN & VASCONCELOS, 2021, p. 1 *apud* CARERI, 2017, p. 102). Ela, que na perspectiva de Macedo *et al.* (2012, p. 142) se relaciona em vista da produção dos espaços livres frente a sua produção e, conseqüentemente, apropriação.

A forma urbana se constitui, enquanto sistema, pela somatória e relação entre os espaços livres e edificados, públicos e privados, legais e ilegais, acolhedores ou excludentes. É produto social e, ao mesmo tempo, condição para o processo social (MACEDO *et al.*, 2012 *apud* LEFÈBVRE, 1974).

Segundo Fontes (2011, p. 3), essas formas de convívio, propiciadas pelo espaço edificado, são capazes de manifestar conexões, cumplicidade e interação entre pessoas e espaço, sendo forças positivas frente ao individualismo encontrado na contemporaneidade, o que é chamado “amabilidade urbana”, ou seja, a apropriação espontânea do espaço livre que favorece interações coletivas — seja através de editais de chamamento para uso desses espaços, potencializando o comércio em turnos distintos dos horários comerciais, ou mesmo dinâmicas promovidas pelas entidades locais, a fim de potencializar a vitalidade e trocas sociais.

Uma das formas de perceber o ambiente urbano parte da diminuição da velocidade ao se caminhar pela cidade, evidenciando espaços oportunos para encontrar com os “Outros” em um intrincado complexo de culturas, sentidos, paisagens (FIORIN & VASCONCELOS, 2021, p. 1). Perder tempo, na corrida contra o relógio contemporâneo, gera desconexões de caráter gradativo com o mundo. De fato, é a resposta da adaptação aos hábitos sociais cada vez mais individualistas

---

<sup>1</sup> Os cantos são tidos neste trabalho como os espaços visitados, configurados como espaços públicos que proporcionam trocas coletivas: praças e via principal da feira livre de Santana do Ipanema. A denominação surge por meio da construção textual e embasamento bibliográfico.

<sup>2</sup> Os rastros são configurados pelo ato de andar, como uma expansão do corpo na cidade, enquanto objeto de estudo das dinâmicas urbanas.

e competitivos, mas, que favorece o meio ideal para a inquietação que precede o descobrimento de “novas” camadas do que temos por conhecido. As ruas em sua conformação urbana permanecem estruturalmente parecidas. A mudança ocorre através da pausa, que pelo caminhar, nos transforma, observando criticamente acerca dos lugares, seus sentidos e propostas (FIORIN & VASCONCELOS, 2021, p. 1 *apud* CARERI, 2017, p. 102). O espaço contemplativo acontece não apenas na frenética necessidade de se chegar a um lugar, mas em percorrer as passagens que conectam calçadas, esquinas, praças. Freitas (2012, p. 3) induz a divagar entre o que se desdobra nas formas arquitetônicas que conformam a cidade, baseado no ensaio de Benjamin (2006) sobre as passagens construírem a história do ontem e hoje.

Caminhar pela cidade de Santana do Ipanema, na qual vivo desde os meus 10 anos de idade, e agora caminhante enquanto estudante e futura profissional do urbanismo, vem sendo um redescobrir olhares — acompanhada e só. O gesto mostrou-se ser um grande desafio, pois mesmo partilhando minha observação do trajeto, tendia a dialogar enquanto registrava em fotografia e anotações. Considerando que vivemos um período compreendido como pós pandemia, a configuração da cidade permanece, seja em nível da arquitetura (como paisagem construída, que também envolve elementos naturais, como vegetação, relevo...) e social (as dinâmicas de usos e apropriações que envolvem estes ambientes), enquanto dinâmicas impostas pelo afastamento social — voltado ao cenário da cidade de Santana do Ipanema —, deixa marcas de que passou, por meio de informes não retirados (por exemplo: “use máscara dentro deste recinto”), assim como a demarcação visual no chão em estabelecimentos para distanciamento mínimo.

Então, com este trabalho, pretende-se olhar para cidade com mais calma e identificar cantos e rastros que demonstrem que espaços são esses, escolhidos para serem vivenciados com mais vagar pela autora, enquanto aspecto importante a ser considerado pelo arquiteto urbanista e cujos aspectos possam ser considerados em políticas públicas (seja através de editais, seja através de propostas e intervenções espaciais) em prol da vida em sociedade. Retratando como esses espaços considerados livres e públicos, favorecem cenários múltiplos, em que o cotidiano desenvolve a maior parte da relação de interação coletiva, mas que não se restringe apenas a estes momentos. Editais de chamamento para o uso do espaço público, elencando a importância do desenvolvimento cultural da cidade, assim como o fortalecimento da economia local, que favorece também trocas lentas, mas distintas, das épocas não festivas, e apropriação da comunidade, mesmo que em níveis diferentes de interação.

## 2 HABITANDO SANTANA

A cidade contém a expansão que seria análoga ao íntimo que o homem tem como espaço de interação social, seja ela entre o espaço físico edificado ou entre pessoas que usufruem dos lugares urbanos para conversar, apreciar, atravessar, dentre outros gestos cotidianos. Ela também é entremeada de atributos que a conformam como espaço formal, habitado, além de geradora de experiências. Fontes (2011, p. 4), ao explicar o motivo da escolha do seu local de estudo, faz menção às memórias que foram construídas nas cidades, intitulada por ela como “minhas velhas conhecidas”. Fundamentada nesta perspectiva de pertencimento, elenco a cidade do município de Santana do Ipanema, localizada no interior de Alagoas, que dentre tantos nomes em que pode representar, em diversos âmbitos, costumo chamar de “casa”. Registrar dinâmicas que por ela são permeadas, refeitas e iniciadas, configuram a sua representatividade no cenário do médio sertão de Alagoas. Trazê-la como realidade de observação reforça a importância de sua construção enquanto palco das inúmeras e constantes relações sociais e espontâneas.

Entretanto, a intenção imbuída neste estudo em nível de trabalho final de graduação caminha pelas suas ruas e história, como um livro, que enquanto objeto de constante transformação, continua a ser escrito (ROLNIK, 1997). Debruçar o olhar sobre as formas que a cidade, enquanto organismo vivo, fábrica, permite a elaboração das incontáveis interações entre pessoas e espaço, e, enquanto futura profissional do urbano, proporciona a ótica na posição de uma observadora mais atenta às minúcias evocadas pelo contexto do cotidiano.

Diante do exposto, o estudo se propõe a identificar e registrar referências que definem o cotidiano da cidade na dimensão de seu espaço público conceituado como “livre”, ou seja, parques, ruas, praças e outros espaços caracterizados pela ausência de edifícios (MAGNOLI, 1982). Esses desdobramentos motivam comportamentos e o ponto mais sensível do estudo: os gestos que perpassam as dinâmicas provenientes desses espaços construídos, e as pessoas. Ressalto que o tema vem recebendo grande destaque na análise, em sua significância, em decorrência da inexistência de literatura direcionada ao registro dos gestos desenvolvidos com a interação fomentada pela arquitetura. Ressalto, ainda, a contribuição com a academia, através de referencial teórico e relato de experiência empírica voltada para discussões a respeito do tema da paisagem urbana, arquitetura afetiva e sua importância como condicionante para espaços geradores de gestos urbanos direcionados a potencializar o uso dos espaços públicos coletivos.

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é registrar o uso do coletivo e a apropriação de espaços públicos livres da cidade interiorana do médio sertão de Alagoas, Santana do Ipanema, elencando as praças Manoel Rodrigues da Rocha e Senador Enéas Araújo, ambas defronte à Igreja Matriz de Senhora Sant'Ana, a partir da observação *in loco*, com a qual serão observadas, com mais calma, as dinâmicas cotidianas desenvolvidas e suas características físicas espaciais, a fim de identificar potencialidades dentro do contexto em que estão inseridas.

Mais especificamente, pretende-se: aprofundar o conhecimento teórico, para fomentar a análise com domínio técnico frente às distintas conceituações nos campos da paisagem urbana, interpretação do espaço habitado e a inserção dos registros na contemporaneidade. Além disso, tem-se a intenção de aplicar métodos de observação do ambiente, que fomentem a elaboração de material consultivo sobre os espaços estudados na pesquisa, de modo a fornecer possíveis posicionamentos ou visões, enquanto profissional do urbano. Também foi pretensão registrar *in loco* estas dinâmicas cotidianas, nos cenários elencados na pesquisa, por meio de registros escritos, fotográficos e relatos (conversas e trocas).

## 2.1. HABITAR COMO FENÔMENO URBANO

Acerca da paisagem construída, a configuração da cidade do município de Santana de Ipanema é apresentada com o recorte da malha urbana permeada de caminhos (ruas, becos, trilhas...), que funcionam como linhas que se entrelaçam, ambientando novos cenários de encontros pelo caminhar. Entre essa paisagem edificada, Silva (2014) discorre que a transformação do espaço em lugar habitado desenvolve um movimento de pausa, assenta-se, se permanece, constroem-se histórias, formam comunidades e que podem alcançar gerações. O autor também expressa o ato de observar a arquitetura enquanto objeto da construção individual, mas que irradia no coletivo, na construção da cidade.

Entre as inúmeras significações que a arquitetura pode ter, ela pode ser comparada ao ato de se dar uma pausa. Na escala do território e da cidade, a resolução de se construir um bairro, uma cidade ou um acampamento, significa uma parada. E ali edifica a pausa. Nos belos relatos de Guimarães Rosa ou de Graciliano Ramos, o homem do sertão, um dia resolve parar. Escolhe o lugar, constrói sua morada e de sua família. Uma pausa. (SILVA, 2014).

O meio de interação de domínio público compreendido pelos trajetos formais e informais, em contraponto aos lotes urbanos particulares, exprime a relação dos espaços público e privado (FIORIN & VASCONCELOS, 2021, p. 1 *apud* CARERI, 2017, p. 102). Eles conectam as edificações dispostas em lotes, que a margeiam, e que podem ter áreas vazias, mas que não ficam intocadas — seja pelo caminho informal feito pelos moradores locais, seja pela “invasão da vegetação” que toma posse do terreno. Em suas extremidades, as calçadas, devido à ineficiente fiscalização dos órgãos responsáveis, são construídas sem acessibilidade, na maior parte da zona urbana, em regiões já consolidadas, e replicando-se a prática em áreas de expansão, sendo a topografia acentuada um dos condicionantes à prática não inclusiva. Recebem essa observação por serem vistas como “território particular” dos lotes, sendo confirmada tal perspectiva pela mudança de texturas, obstáculos (rampas anexas de modo inapropriado), elementos que expandem áreas cobertas (grades que avançam nas calçadas) e níveis diferentes a cada lote, ao longo da via pública. Macedo *et al.* (2012, p. 143) exemplifica a conformação da cidade no contexto do Brasil, e que também se aplica ao cenário do Santanense.

Se a forma da cidade é importante em termos de definição e qualificação das áreas de habitação, trabalho, lazer e proteção de recursos ambientais, por outro lado, tem sido desqualificada como objeto de análise, do mesmo modo que o são os espaços livres em geral. Exemplo disto é a ampla negligência, por parte do Poder Público e da população, na maioria das cidades brasileiras na constituição da rua, principal espaço livre urbano, com calçadas geralmente subdimensionadas e leito carroçável nem sempre apto à circulação adequada (MACEDO *et al.* 2012, p. 143).

Quando se avança para as edificações, as fachadas, sendo cada vez mais intransponíveis, sinalizam as mudanças de hábitos gradativos. Ficar à porta de casa, conversar com os vizinhos, deixar as crianças brincando na rua: mudanças que não se aplicam de forma totalitária a toda cidade, mas que vêm sendo uma perda gradual, permanecendo certas características em regiões com maior adensamento, em bairros de lotes menores e antigos. Locais onde acontece a recente abertura de novos loteamentos não dispõem das mesmas mudanças.

Pelas localidades percorridas, pouco avistei, ou mesmo nem existem, antigas construções desocupadas, com aberturas que favoreçam a marginalização (uso do lote ou edificação de forma indevida e não autorizada, também deixando margem à vulnerabilidade de transeuntes). As

existentes, têm seus acessos vedados por alvenaria ou tapumes. Os terrenos vazios, que não têm fechamento em seus limites, são pontuais e têm por vizinhos, em sua maioria, lotes residenciais.



**Figura 1** - Imóvel desocupado, com testada fechada, localizado na rua Delmiro Gouveia, bairro Camoxinga



Fonte: acervo pessoal da autora, 2023.

**Figura 2** - Terreno sem uso, com testada fechada, localizado na rua Nilo Peçanha, bairro Monumento



Fonte: acervo pessoal da autora, 2023.

Dessa paisagem caminhada, destacamos os espaços públicos, que por construção teórica (FONTES, 2011 *apud* FARIA, 2003), podem ser descritos como locais possíveis de manifestações de cunho representativo para a comunidade. Estes, que em oposição aos espaços de caráter privado, são aqueles onde podem ser feitas trocas, locais de apreciação gastronômica, turismo, festividades, apropriadas de inúmeras formas, com o fim na interação social.

O foco deste estudo de TFG é o registro escrito e fotográfico do uso coletivo dos espaços públicos. Em construção paralela à observação *in loco*, e foi considerado, como fonte para composição dos registros, a escuta. Elenco tal sentido por entender que as pessoas que usufruem destas localidades relatam impressões sobre suas experiências de usos. Por meio do dialogismo, percebi que não se demonstra entendimento, e conseqüentemente, relação de atração para permanência nas praças. Em complemento ocasional a este levantamento dos registros, presenciei um relato sobre duas praças: Senador Enéas Araújo e Manoel Rodrigues da Rocha, que estão defronte à Igreja Matriz de Senhora Santana. A justificativa inicial de quem dialogava sobre prováveis mudanças do seu espaço, compreendido para uso de pessoas, convertido em estacionamento, visto que o entorno não dispõe de vagas necessárias, o que gera certo transtorno ao se buscar espaço para estacionar, em decorrência do entorno imediato ser, em sua unanimidade, formado por estabelecimentos comerciais. Isso resulta em um maior deslocamento para quem frequenta e precisa estacionar, o que leva à compreensão de que o espaço das praças é subutilizado.

Percebo, diante do relato, que a solução apresentada, não corresponde favoravelmente à malha urbana, visto que traria, cada vez mais, constante solicitação para estacionamentos, e, por consequência, menor fluxo de pessoas em permanência no espaço coletivo, redução de piso permeável e menor vitalidade, o que ocasionaria em uma marginalização da praça e do entorno imediato. Arelado à perspectiva da construção urbana com foco nas pessoas, é possível compreender que as áreas públicas coletivas em questão muitas vezes não são absorvidas como elementos essenciais para o desenvolvimento das relações sociais e afetivas, encarados, em muitas ocasiões, apenas como elemento de passagem.

## 2.2. AS RECENTES TRANSFORMAÇÕES URBANAS: RECORTE DA ZONA URBANA DE SANTANA DO IPANEMA

O recorte da zona urbana da cidade de Santana do Ipanema é a base desse registro. Antes de percorrer a história da cidade, busquei apresentá-la, mais adiante no texto, a partir da

visualização por satélite, pelo Google Earth, e assim mostrar como vem ocorrendo a expansão da área urbana do município através de loteamentos.

Estas áreas eram, a menos de dez anos, terrenos de caráter rural, que foram compradas por construtores locais e externos, com intenção de vender lotes para moradia e comércio, favorecendo infraestrutura básica às novas localidades, a citar os residenciais: (2) Colorado – Luar de Santana, sentido Olho D'Água das Flores (recorte AL-130); (3) Alto da Serra, próximo a RPPN Tocaias (Reserva Particular do Patrimônio Natural); (4) Reserva da Serra, sentido povoado Remetedeira (zona rural de Santana do Ipanema) e a área mais consolidada, (1) Brisa da Serra, separado em três loteamentos. Também na localidade existem o loteamento Monte Verde, sentido Dois Riachos (recorte leste BR-316); (6) Loteamento Teles e (5) Colorado – Luar de Santana 2, incorporado, sentido saída para a cidade de Poço das Trincheiras (recorte BR-316). Elenco tais informação por se tratarem de uma expansão que favorece o deslocamento cada vez mais individualizado — considerando que a maioria dos serviços oferecidos na cidade ficam concentrados nos bairros do Centro, Maracanã e Monumento —, aumentando a demanda de espaços para estacionamento, conseqüentemente, demandando melhor e maior infraestrutura viária, que em contrapartida, gera congestionamentos cada vez mais constantes, bairros de caráter dormitório e distribuição ineficiente dos serviços necessários para o funcionamento da cidade, principalmente áreas de lazer públicas coletivas.

**Figura 3** - Recorte da zona urbana do município de Santana do Ipanema, com foco na expansão residencial



Fonte: captura de tela do Google Earth, editada pela autora na plataforma MIRO, 2023.

### 2.3. UM OUTRO PASSEIO POR SANTANA DO IPANEMA

Santana é marcada por uma trajetória que advém do final do século XVII, em que recebia a nomenclatura de arraial. Segundo Ticianeli (2015), seus populares, assim como em toda a Região Nordeste do Brasil, tinham como habitantes, descendentes de portugueses, africanos e índios, em questão, da tribo Fulni-ô, também conhecidos por Carnijós, pertencentes à mesma tribo dos que habitavam a serra de Águas Belas, em Pernambuco. Segundo registros (TICIANELI, 2015), devido às primeiras incursões realizadas pelo Rio São Francisco (1656-1661), pelos bandeirantes paulistas, a população do arraial foi expulsa. A partir da ocupação posterior ao intento, em 1658, foram concedidas posses de terras aos primeiros proprietários de áreas pertencentes à região, sendo eles: Nicolau Aranha Pacheco, Francisco de Brás, Damião da Rocha e Baltazar de Farias. Dividida em sesmarias, a posse da terra não foi caracterizada como ocupação efetiva, mesmo que o cenário ganhasse nova perspectiva apenas no século XVIII, quando a localidade foi repartida e ocupada por novos proprietários.

Seu primeiro nome, **Ribeira do Panema**, surgiu após o estabelecimento dos irmãos Martinho e Pedro Vieira Rêgo, juntamente com suas famílias, às margens do rio. Com a ocupação, a localidade foi transformando suas terras em fazendas destinadas à criação de animais, mantendo a relação de fluxo comercial com os povos ribeirinhos ao Rio São Francisco, com o povoado de Águas Belas, Vilas de Garanhuns e Cimbres (pertencente ao município de Pesqueira, Pernambuco).

Em 1787, a região recebe o Frei Francisco José Correia de Albuquerque, missionário natural de Penedo, que desempenhou forte papel para a construção de uma capela em honra a Senhora Santa Ana, pois o arraial não dispunha de edificações religiosas. Após cinquenta anos, contando com a participação da população local e de figuras importantes no contexto social do arraial, foram sendo criadas áreas de convívio coletivo, a saber a **Praça da Matriz**, envolta de sobrados coloniais.

**Figura 4** - Fotografia das praças Senador Enéas Araújo (em primeiro plano) e Manoel Rodrigues da Rocha (presença do obelisco) ainda separadas, com a presença da Igreja Matriz de Senhora Santana ao fundo



Fonte: acervo de Indyara Farias, [s. d.].

Em 24 de fevereiro de 1836, pela Lei nº 9, a região foi elevada à categoria de **Freguesia**. Todo o trâmite para alcançar este propósito foi dirigido pelo então Padre Francisco Correia e os Conselheiros do Presidente da Província de Alagoas, D. Nuno Eugênio Lócio e Seilbiz. Com toda a sua importância para o desenvolvimento da Freguesia e seu reconhecimento, o Padre Francisco José Correia de Albuquerque tomou posse como o primeiro pároco de **Santa Ana da Ribeira do Panema**.

Em 24 de abril de 1875, a então Freguesia tornou-se **Vila**, sendo desmembrada do território de Traipu, pela resolução de nº 681. A população dobrou em números, com a pecuária favorecendo

o progresso da Vila, atrelada à agricultura de milho, feijão e algodão, sendo novo expoente para o desenvolvimento da economia local, não apenas na produção do produto primário, mas o crescimento do comércio de tecidos e o beneficiamento de algodão.



**Figura 5** - Fotografia das antigas Usinas de Beneficiar Algodão Domicio Silva & Cia



Fonte: acervo de Indyara Farias, [s. d.].

Como elemento arquitetônico de grande importância para o cenário urbano, a Igreja de Senhora Sant'Anna foi inaugurada em 1878. Durante o mandato do então Padre Manoel Capitolino, em exercício da vice-presidência do Senado de Alagoas, foi sancionada a Lei nº 893, de 31 de maio de 1921, elevando a Vila de Santana do Ipanema a **Cidade**.

No ano de 1917 toma posse da administração da Paróquia de Senhora Sant'Anna o Padre José Bulhões. Ele foi o responsável pelo início da reforma da Matriz no início da década de 1940, sendo concluída apenas em 1947, tempo que a igreja estava sob a administração do Pároco Padre Fernando Medeiros.

Como dado histórico para a cidade, que gerou grande comoção na época, no dia 1º de abril de 1982, a nave principal da Matriz desabou. No tempo ocorrido, estava à frente da igreja o Cônego Luiz Cirilo Silva. A seguir, a descrição de Ticianeli (2015), sobre a como a Igreja Matriz de Senhora Sant'Anna se caracterizava anteriormente ao desmoronamento, em relato acerca dos elementos arquitetônicos compreendidos na edificação religiosa.

Esse vão central era sustentado por três **colunas românicas** de cada lado, em arco côncavo contínuo. Foi a **primeira** dessas colunas de sustentação que **desmoronou**, arrastando com ele todo o **vão central** de madeiramento, forro e telhas, que caíram sobre as bancas dos fiéis. Nenhuma das imagens foi atingida ou danificada, principalmente a do **Sagrado Coração de Jesus**, que se encontrava bem perto da coluna que arriou. Na reconstrução, optou-se por novas estruturas em **estilo moderno** e todo o interior foi **demolido** e a área transformada num **grande salão** “moderno”, sem embelezamentos arquitetônicos como antes. O telhado foi substituído por **estruturas de ferro** de lado a lado, coberto de **telhas de amianto e forro de plástico PVC** (TICIANELI, 2015).

A partir do estudo em viés histórico, foi possível compreender o esforço para a cidade se tornar o que é atualmente, frente a cada mudança ocorrida ao longo dos anos. Isso reforça a riqueza da sua formação, até tornar-se Santana do Ipanema, por meio da apropriação de seus habitantes, com intuito de, continuamente, fazê-la prosperar, não apenas economicamente, mas em infraestrutura urbana. A sua existência física e natural enquanto território, tendo gradativamente transformado sua paisagem pouco explorada, acrescida pela arquitetura dos antigos sobrados, igreja, e pelas relações desenvolvidas em decorrência das trocas comerciais e culturais, elencam a importância dos espaços públicos como meios de interação da coletividade e, como consequência, palco para constantes transformações da paisagem citadina.

Por conseguinte, ao considerar a construção urbana enquanto produto da coletividade, tomando como ponto de partida minha perspectiva enquanto caminhante e participante contribuinte da história contemporânea de Santana do Ipanema, percorri os espaços que outrora foram inseridos na paisagem natural, para que hoje, inúmeras pessoas, assim como eu, pudessem percorrer as ruas, praças e feiras, registrando memórias do espaço físico. O caminhar é o registro que se incide ao solo, em que se representa a cartografia do terreno. Assim como definido por Careri (2013, p. 132), enquanto observadora do espaço edificado e, portanto, em constante transformação, meu corpo em movimento será posto a eventos, sensações e percalços durante minha observação.



### **3 CAMINHAR: ATO PRIMÁRIO DE TRANSFORMAÇÃO SIMBÓLICA DO TERRITÓRIO**

Enquanto caminhante do cenário proposto, a dizer, a cidade de Santana do Ipanema, me coloco a percorrer a casa em que habito, no seu sentido e contexto mais amplo: as ruas que conectam as edificações, que se relacionam por meio do respiro proporcionado pelas áreas de integração coletiva: as praças públicas. Careri (2013, p. 109) faz uma descrição sensível e necessária sobre o deslocar do nosso eu no entorno que nos aborda, onde permeamos e assim, registramos nosso passar como forma de arte que é deixar “rastros dos passos” na paisagem caminhada.

O direcionamento para este trabalho surgiu da inquietação do que faz as praças serem praças, como o termo que intitula esta pesquisa, os cantos enquanto lugar de “estar”. Entretanto, ao construir a narrativa imbuída na cidade de Santana, surge o questionamento de que nem todas as praças ainda são espaços de convivência, visto que se subentende a função dessas áreas: destinadas ao uso da coletividade. No entanto, trago a reflexão: o que faz um lugar ser uma praça? Diante do exposto, trago como forma de visualização dos que não conhecem a cidade, as suas áreas públicas edificadas e destinadas ao coletivo, assim como relato, por meio do meu caminhar e minhas impressões, suas características e suas dinâmicas.

De início, a fim de compilar os andares pela cidade, foi elaborada a construção dos painéis como forma de registrar as caminhadas setorizadas e acompanhadas. Essas escolhas se deram a partir de minha compreensão do espaço público da cidade, em que foi tomado como base a existência das praças públicas. Sempre tendo como ponto de partida a primeira praça que seria visitada no dia em que saía para caminhar, e que determinava o percurso de forma mental em relação à proximidade entre as áreas a serem visitadas.

Inicialmente, caminhei pelos pontos que identifiquei por espaços públicos coletivos (praças) e diferentes desta, a feira livre de Santana do Ipanema, sendo esta última, trazida por também ser considerada uma representação de canto, mesmo que não edificado, mas que tem importância no contexto social da cidade. Todo o registro fotográfico foi realizado por deslocamento a pé. Mesmo já tendo caminhado muitas vezes pela cidade, alguns lugares mais que outros, busquei apreender o que um arquiteto urbanista observaria, relataria e pontuaria, como análise do espaço urbano. Divagar foi um experimentar que gerou atenção, cansaço, reflexão, risadas e vigilância. A elaboração dos painéis partiu dos dias em que andei um trajeto completo

(considerando a definição da rota e o horário em que foram feitos os registros, a fim de serem os parâmetros ao se compilar as trajetórias), de forma ininterrupta, o que me levou dividir os registros em seis painéis.

Como relato inicial e explicação ao estilo adotado para apresentação dos trajetos, a Figura 7, elaborada na plataforma MIRO, tem em seu plano de fundo a captura de tela do Google Earth, compreendendo o recorte do espaço percorrido. A caminhada, mesmo que direcionada aos lugares já conhecidos, não foi feita de forma sequencial (não foi definido em quais lugares iria primeiro), apenas tomei como partido, a praça defronte à Matriz de Senhora Santana para ser meu “marco zero”. A partir dela, fui traçando, junto à companhia do meu sobrinho Bernardo (escolhido pelo fato de passar as tardes comigo, e também como uma forma de passeio para ele, saímos e lhe prometi um sorvete como parte da atividade vespertina), para onde iríamos.

### 3.1. TRAJETÓRIA 1

A composição do painel segue com a marcação dos pontos visitados, com indicação de observações escritas sobre cada espaço e registros fotográficos destes. Além dessas informações, indiquei, por meio de legendas, como se nortear no painel, ao qual convido a caminhar comigo e experimentar a cidade.

Acrescento ao painel a informação “nome não identificado”, por não ter visto nenhuma identificação (ausência de totem ou inscrição do homenageado nos bancos ou bustos, presentes em algumas áreas), seja por registros fotográficos, ou mesmo por não se ter informação dos moradores que a circundam. Também dividi a trajetória em duas partes, que se deu para não causar confusão ao visualizar o painel, pois algumas vias foram percorridas mais de uma vez, como a Avenida Doutor Arsênio Moreira (encontrada no pontilhado branco e azul do painel); por terem sido registradas no período da tarde e outras vezes, adentrando o horário noturno. Além disso, foi atribuído numeração dos espaços, para indicar a sequência da caminhada. Nos quadros, foram adicionados textos em negrito, a fim de explicar, de modo mais informal, as impressões iniciais. Tomo como partido a análise dos espaços logo após os registros fotográficos, em que observei as condições com mais detalhes, minhas impressões secundárias, em que começo a pausar o meu corpo em relação ao caminhar e deixo o meu olhar percorrer não apenas as praças, mas o que a constitui (entorno e interação social presentes na visita).

**Figura 6** - Painel do primeiro registro fotográfico das praças da cidade de Santana do Ipanema, com informações sobre minhas impressões e demonstração do percurso realizado



Fonte: captura de tela do Google Earth, editada pela autora na plataforma MIRO, 2023.

Para a identificação das áreas registradas, trago de forma enumerada, a tabulação das impressões com indicação das vias que compreendem a localização das praças e seus respectivos registros fotográficos.

**Quadro 1** – Impressões e registros fotográficos: praça 1 – nome não identificado

PRAÇA 1 – NÃO IDENTIFICADA
<p>“Entre a rua Rotary e a Av. Nossa Senhora de Lourdes, existe uma área destinada ao público (entroncamento), e que funciona também, como rotatória. A construção presente ainda é antiga, comparada às reformas mais recentes das praças supracitadas. Nela, o mobiliário existente é um poste alto, e devido à inclinação da rua, foi usada a própria topografia para criar platôs que servem de assento. Seu entorno também é compreendido por casas e uma escola particular, que devido ao fluxo de veículos, vem sendo transformadas em pontos comerciais no térreo, mas permanecendo com o residencial no pavimento de cima”. Trago à reflexão o fato da arborização ser pouco explorada e com falta de manutenção, favorecendo a não apropriação pelas pessoas no horário vespertino, o que também pode ser um forte condicionante para a não permanência, visto que o conforto térmico implica diretamente no demorar-se, considerando também a falta de mobiliário para pausar, sendo apenas os platôs que servem como pontos de descanso possível dispostos na praça (o que não descarta a possibilidade de que os moradores poderiam trazer seus bancos e usar como lugar de estar e pausar).</p> <p><b>“Ao caminhar, percebi crianças passando, mas não se demorando”.</b> (REGISTROS VESPERTINOS, COM MEU SOBRINHO BERNARDO).</p>



Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Quadro 2** – Impressões e registros fotográficos: praça 2 – Antônio Pacífico Santos**PRAÇA 2 – ANTÔNIO PACÍFICO SANTOS**

“Localizada na rua Professora Josefa Leite está a praça Antônio Pacífico Santos. Em relação ao nível da rua, tem sua conformação elevada, com um acesso PCD em condição não preservada. Possui vegetação nos canteiros existentes, e mobiliário em bancos de concreto fixo e poste de iluminação pública – altura para iluminação da via, não adequado para pedestres. Em anexo, existem três canteiros elevados que dividem a rua Professora Josefa Leite e a BR 316, trecho da Av. Pancrácio Rocha. Neles, existe o totem com o nome da praça e ano de construção e um totem do Lions Club. O ponto distinto da localidade desta praça é o seu entorno, que é compreendido por um muro extenso e sem aberturas e casas gradeadas. Fica próxima à feira da troca e a antiga delegacia da cidade, atual Casa de Custódia”. Segundo relatos de moradores locais, o espaço não proporciona segurança para permanecer por ser pouco movimentado, e, além disso, pela distribuição deficiente de iluminação, em consórcio à falta de manutenção das árvores presentes, que favorece sombreamento no lugar de ser um fator positivo para melhora da sensação térmica, além de gerar a impressão de descuido e, conseqüentemente, abandono. Tudo isso também é fortalecido pela presença de usuários de entorpecentes no local.

**“Como relatado, mesmo durante o dia, não passa a sensação de segurança, meus registros se restringem à distância”.**

**(REGISTROS VESPERTINOS, FINAL DA TARDE, COM BERNARDO).**





Fonte: elaboração autoral, 2023.

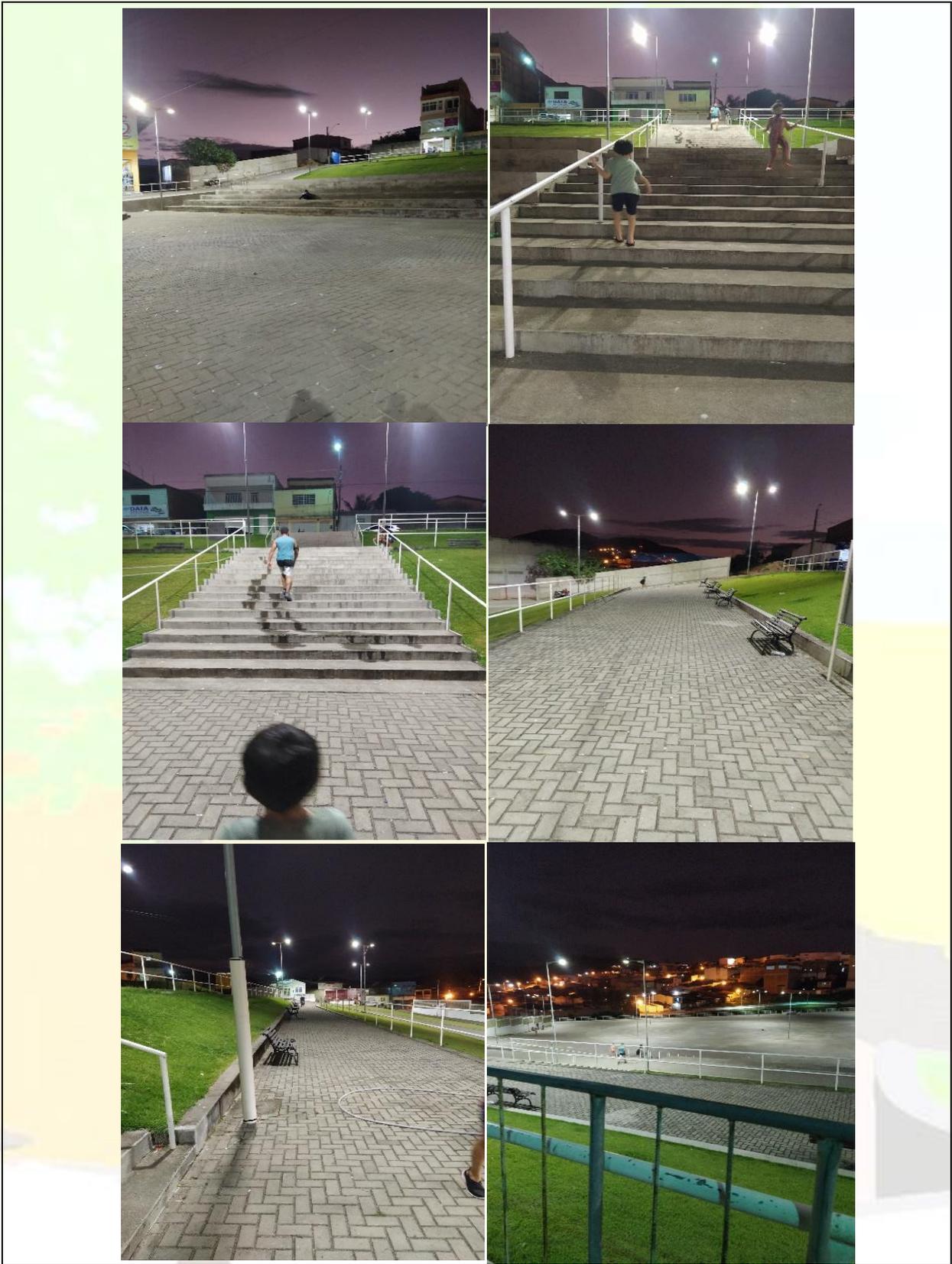
**Quadro 3** – Impressões e registros fotográficos: Praça 3 – praça de eventos Prefeito Paulo Ferreira de Andrade

PRAÇA 3 - PRAÇA DE EVENTOS PREFEITO PAULO FERREIRA DE ANDRADE, NO ESPAÇO MULTIEVENTOS LARGO CÔNEGO JOSÉ BULHÕES (nome identificado apenas com documento solicitado a pessoas locais)

“Compreendida entre as vias rua João Ivo, rua Domingos Acácio e rua José Adilson da Silva, o espaço público de maior peculiaridade da cidade é o Espaço Multieventos Largo Cônego José Bulhões. Tem sua delimitação geográfica pelo Riacho da Camoxinga, que deságua no Rio Ipanema. Sua conexão com a cidade dá-se por pontes, e a mais conhecida é ponte do Urubu. Até 2019 a festa da juventude era realizada no trecho que compreende a Praça da Bandeira, mas, após a entrega do Espaço de Convivência, a festa foi transferida para o local supracitado. Sua topografia foi aproveitada para a criação de platôs para áreas verdes e escadarias, assim como conexões em passeios, conforme o nível da rua é alterado. Conta com iluminação pública e com proteção em suas extremidades. Também abarca uma ETE, geridas pela concessionária Águas do Sertão”. O entorno que compreende a praça supracitada, senta múltiplas frentes, desde pontos comerciais que foram abertos devido à edificação desta (oficinas de moto e bicicleta, estúdio de fotografia, cabelereiro), fachada posterior das casas que ficam com frente imediata para a via AL-130 (são lotes com fachadas duplas, de um lado ao outro do quarteirão), e na parte com menor elevação, o limite da praça é dado pela conformação hídrica do riacho da Camoxinga (tendo a presença de guarda-corpo metálico). Mesmo em horários com menor movimentação, ainda há presença de pessoas que utilizam o espaço com tranquilidade, o que se dá como condicionante para permanência, além da iluminação pública, que é bem dimensionada, pela diferenciação do piso e elevação deste para com o leito carroçável, que direciona apenas parada de pedestre, e por ser uma área ampla, confortável para se brincar (empinar pipa, pega-pega) ou apenas um espaço de convívio.

**“Um ambiente que convida as famílias, devido à extensão da sua área, proporciona segurança para as crianças brincarem, pois o acesso fica delimitado apenas para pedestres. Além dessa característica, é utilizado para realização de atividades físicas (ginástica e caminhada)”.**

(REGISTROS NOTURNOS, COM BERNARDO).



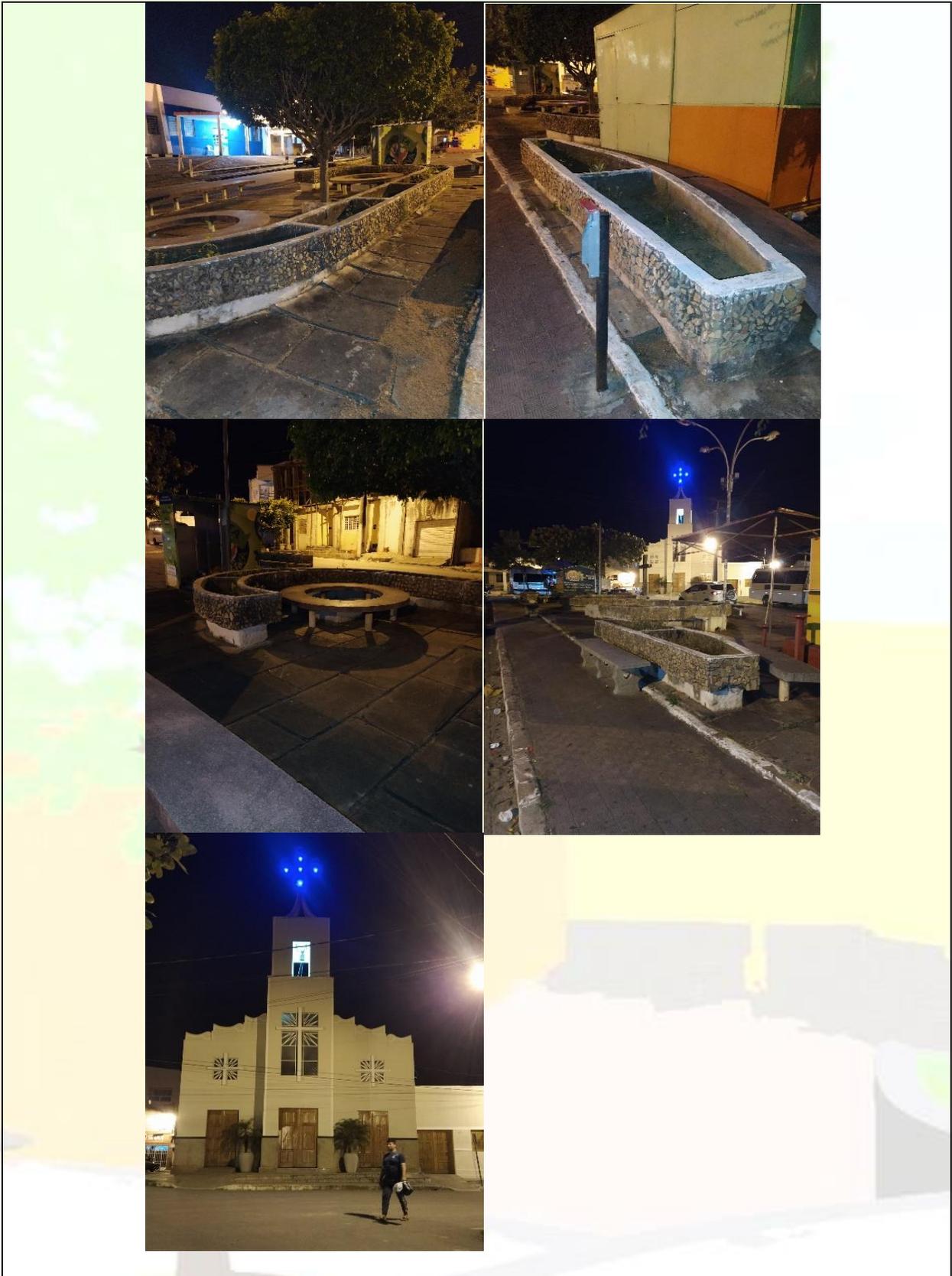
Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Quadro 4 – Impressões e registros fotográficos: praça 4 – São Cristóvão****PRAÇA 4 – SÃO CRISTÓVÃO**

“A Praça São Cristóvão fica compreendida entre as ruas Prefeito Joaquim Ferreira, rua José Porfírio Palmeira e rua Domingos Acácio. Sua configuração é composta por mobiliário fixo, que se eleva do chão, em formas distintas. É dividida em duas porções, sendo a maior delas, com atividade presente, em que tem o quiosque do Jório, muito conhecido na região, responsável pela vitalidade da praça”. “Após a mudança dos serviços hospitalares para o Hospital Regional Dr. Clodolfo Rodrigues de Melo, o antigo Arsênio Moreira agora tem seu funcionamento para a Secretaria de Saúde. E com frente imediata para a praça, na rua José Porfírio Palmeira, está a Igreja Matriz de São Cristóvão”. O entorno é compreendido por edificações institucionais e religiosas. Existem lotes residenciais com casas, em sua maioria, de caráter térreo e que nos horários de menor temperatura, os moradores se colocam às portas para passar um tempo, mas que não adentram no espaço da praça, ficando em suas bordas. O único quiosque aberto em horário comercial, é do Jório, que fica com frente imediata para a Igreja Matriz de São Cristóvão, o que favorece uma movimentação maior ao longo do dia no espaço. Por ter tido uma mudança de uso na edificação que antes era o Hospital da cidade, hoje Secretaria de Saúde, o fluxo de pessoas foi mudado, trazendo o permanecer na área de forma pontual, acentuado ainda mais pela distribuição ineficiente de arborização que geraria sensação térmica agradável aos usuários.

**“Sua vitalidade não expressa o que se pode esperar de um espaço público devido à mudança de atividades na localidade, em decorrência da transferência do hospital e pelo fechamento dos outros dois quiosques também existentes, mas em desuso. Somente tem maior movimento quando ocorre a festa do padroeiro São Cristóvão (presença da igreja em registro fotográfico) ou quando são realizadas as celebrações de forma campal”.**

(REGISTROS NOTURNOS, COM BERNARDO).



Fonte: elaboração autoral, 2023.

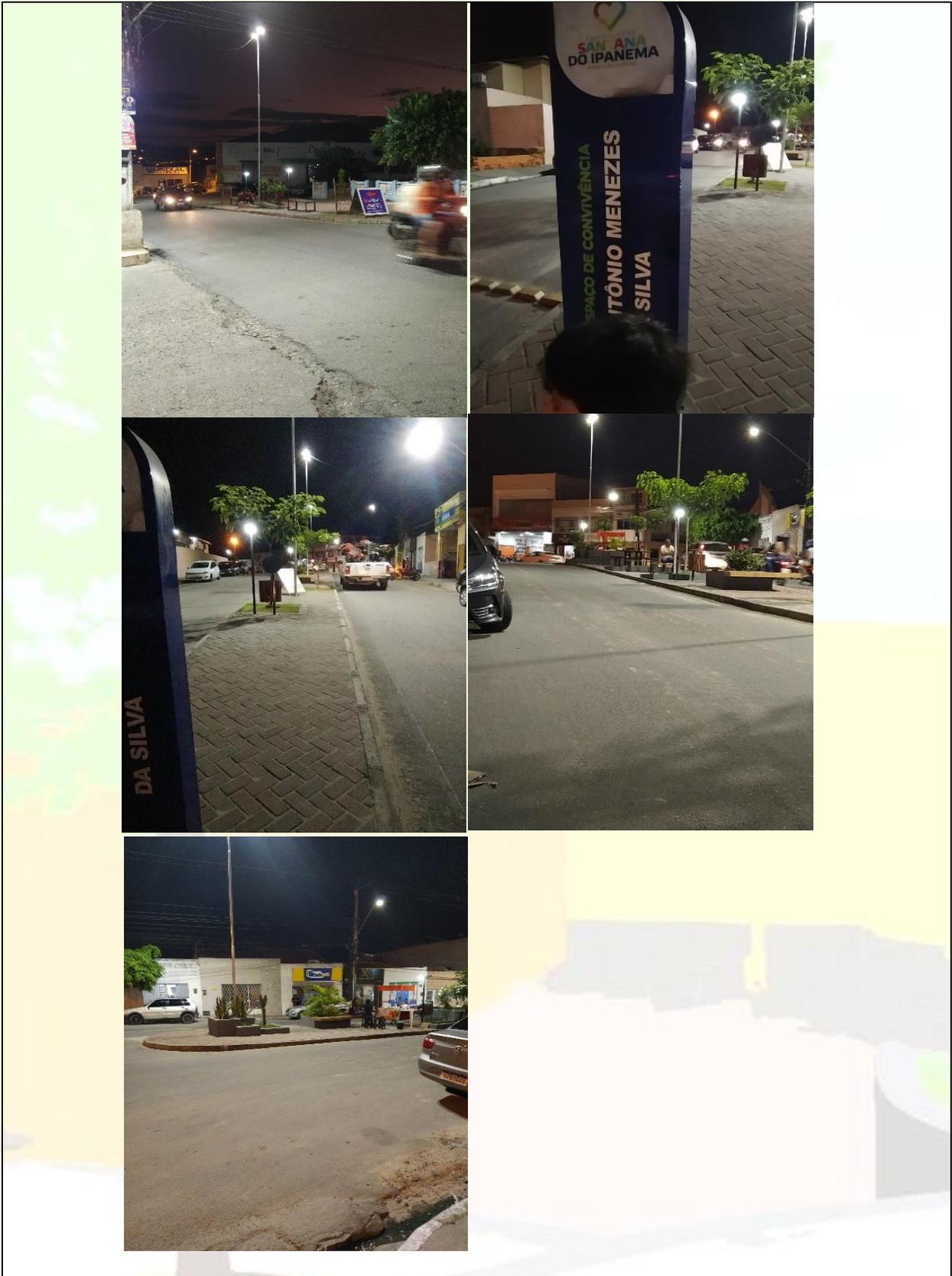
**Quadro 5** – Impressões e registros fotográficos: praça 5 – Espaço de Convivência Antônio Menezes da Silva

**PRAÇA 5 – ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA ANTÔNIO MENEZES DA SILVA**

“Alocada na rua Siqueira Campos, o Espaço de Convivência Antônio Menezes da Silva é uma faixa estreita com duas porções, que dividem a via. No sentido Maracanã existem muitos imóveis de cunho comercial, sendo o mais antigo, a Pizzaria Estação Onze, e alguns imóveis de uso residencial. No sentido ponte do Padre tem a Escola Municipal Ormindó Barros. A área de lazer tem sua configuração mais atual, devido à reforma da gestão anterior. Atualmente, seu mobiliário é composto por banco de madeira, lixeiros, postes em altura para iluminação geral e de pedestres”. A discussão se estende também para a praça em questão. Devido à reforma ocorrida, foram retirados os exemplares que existiam e substituídos por plantas ainda em estágio de desenvolvimento (porte pequeno para sombreamento), o que não favorece a permanência, visto que nos horários mais quentes não se tem sombra. Pela própria localidade e seu entorno serem compreendidos pela escola (que funciona também em horário noturno), pizzaria, farmácia, sempre com presença de pessoas utilizando o espaço na porção maior da área coletiva, se proporciona segurança por meio da permanência. Sua extensão ser mais linear e delgada condiciona o espalhamento do mobiliário a fim de que se tenha ocupação em toda a sua continuidade, o que gera a sensação de querer permanecer, mesmo que por breves momentos (uma das praças da cidade que proporcionam conexão com o entorno e com as pessoas, mesmo que de modo restritivo a horários e dependência de usos em suas bordas).

**“O nome da praça é em homenagem ao antigo morador da rua, conhecido como Antônio Risadinha, marido de dona Bernadete Nobre, muito conhecida na localidade. Ademais, o espaço é muito utilizado pelos estudantes e pela freguesia da pizzaria. Sempre é visto o carrinho de acarajé. O maior movimento é no horário noturno”.**

(REGISTROS NOTURNOS, COM BERNARDO).



Fonte: elaboração autoral, 2023.

Como complemento sobre minha observação *in loco* da praça São Cristóvão, através de registros anteriores, foi possível identificar que seu formato atual, permanece o mesmo do período identificado na Figura 7, em que o antigo Hospital Dr. Arsênio Moreira era ativo, hoje funcionando como Secretaria municipal de Saúde.



**Figura 7** – Fotografia da praça São Cristóvão, com a presença, ao fundo, do antigo Hospital Maternidade Dr. Arsênio Moreira da Silva



Fonte: Blog História de Alagoas, 2015.

### 3.2. TRAJETÓRIA 2

Como composição do painel da trajetória 2, tive como ponto de partida também as praças defronte à Matriz de Senhora Santana, a partir das quais foram visitadas outras três praças. A quantidade mais reduzida se deve pelo percurso ter sido realizado a companhia dos meus dois sobrinhos e minha mãe, favorecendo a diminuição do ritmo da caminhada. Atrelado a isso, a maioria dos lotes que ladeiam a via pública são de caráter residencial, com muros fechados e altos, favorecendo uma sensação de insegurança, o que leva a refletir a atenção para vigilância. Além disso, entre as praças enumeradas 6 e 7, a diferença do nível topográfico, mesmo sendo um trajeto menor em comparação ao recorte anterior, deixou o caminhar prolongado e fatigante.



**Figura 8** – Painel do segundo registro fotográfico das praças da cidade de Santana do Ipanema, com informações sobre minhas impressões e demonstração do percurso realizado

**REGISTROS - TRAJETÓRIA 2**

**LEGENDAS:**

- NOME IDENTIFICADO
- ▲ NOME NÃO IDENTIFICADO
- ..... TRAJETÓRIA 2

**OBS.:**

**texto em preto:** minhas interpretações sobre os lugares registrados

**texto em negrito:** impressões iniciais

**numeração das paradas:** ordem de visitas nos espaços públicos

10/03/2022 à mais recente Maxar Technologies CNES / Airbus 100 m | Câmera: 1.343 m 9°22'29"S 37°14'20"W 264 m

**Quadro 6 – Impressões e registros fotográficos: praça 6 – São Pedro****PRAÇA 6 – SÃO PEDRO**

“No mesmo seguimento da rua Nilo Peçanha, adentrando a zona mais residencial, se encontra a Praça de São Pedro. Nela são vistos dois recortes. O ponto de referência que tomo é o mobiliário destinado ao público infantil, balanço e casinha em madeira em um espaço destinado a uma caixa de areia. Neste mesmo local, em sua borda, tem um ponto fixo para abrigar os mototáxis. Também o conheço como “praça do pirulito (antes da reforma, esse pedaço, tinha também sido destinado ao uso infantil). A segunda parte da praça, é compreendida pelos canteiros com Espada de São Jorge e planta de coroamento (aparentemente, Lambari Roxo), a estátua de São Pedro e bancos em metalon e madeira, também fixos. Devido à diferença de nível entre as ruas, o lado da praça voltada a rua Nilo Peçanha por ser mais baixo, tem acessos à praça por meio de quatro degraus. O contorno da rua acima tem gradil e calçada em sua extremidade, proporcionada pela parede de contenção, revestida em tijolinho. Seu uso é mais direcionado aos moradores da localidade e por ocasião de algum evento que possa ocorrer na igreja de São Pedro, disposta no lado mais alto da rua”. A relevância, tanto para uso, como quanto à representatividade que este equipamento público tem para o entorno, foi possível de presenciar durante o Tríduo de São Pedro (comemoração da festa do padroeiro da igreja), em que a procissão percorre seus limites como uma contemplação ao espaço. A praça direciona a caminhada dos fiéis também pela topografia em que está inserida, como uma descida e um convite a caminhar pela cidade, mesmo que de modo subliminar. Não se trata da sua única razão de existência, mas sim da forma como as pessoas mais se apropriam dela, registrada neste momento de festa apenas como um aspecto que destaquei enquanto observadora da cidade, mas também pode-se perceber que existem outras dinâmicas: na sua porção menor, mães observavam seus filhos a brincar no espaço mais rebaixado (caixa de areia), jovens ficavam a conversar debaixo das Amendoeiras e sob a iluminação noturna, e os mototáxis, a esperar por passageiros, também traziam vitalidade para o ambiente público edificado.

**“Sendo seus usuários mais comuns os moradores locais, devido à sua inserção mais ao núcleo do bairro São Pedro, foram observados que o ponto mais movimentado da praça no momento da visitação era o espaço destinado aos mototáxis, que também serve de demarcação da existência deles na praça (sendo uma das poucas praças da cidade que possui este mobiliário fixo para o público em questão). Ademais, em outro dia de visitação, percebi movimentação por parte de visitantes, que usavam os mobiliários para o público infantil”.**

(REGISTROS VERPERTINOS, COM MINHA MÃE, MARY E MEUS SOBRINHOS, BERNARDO E DANTE).



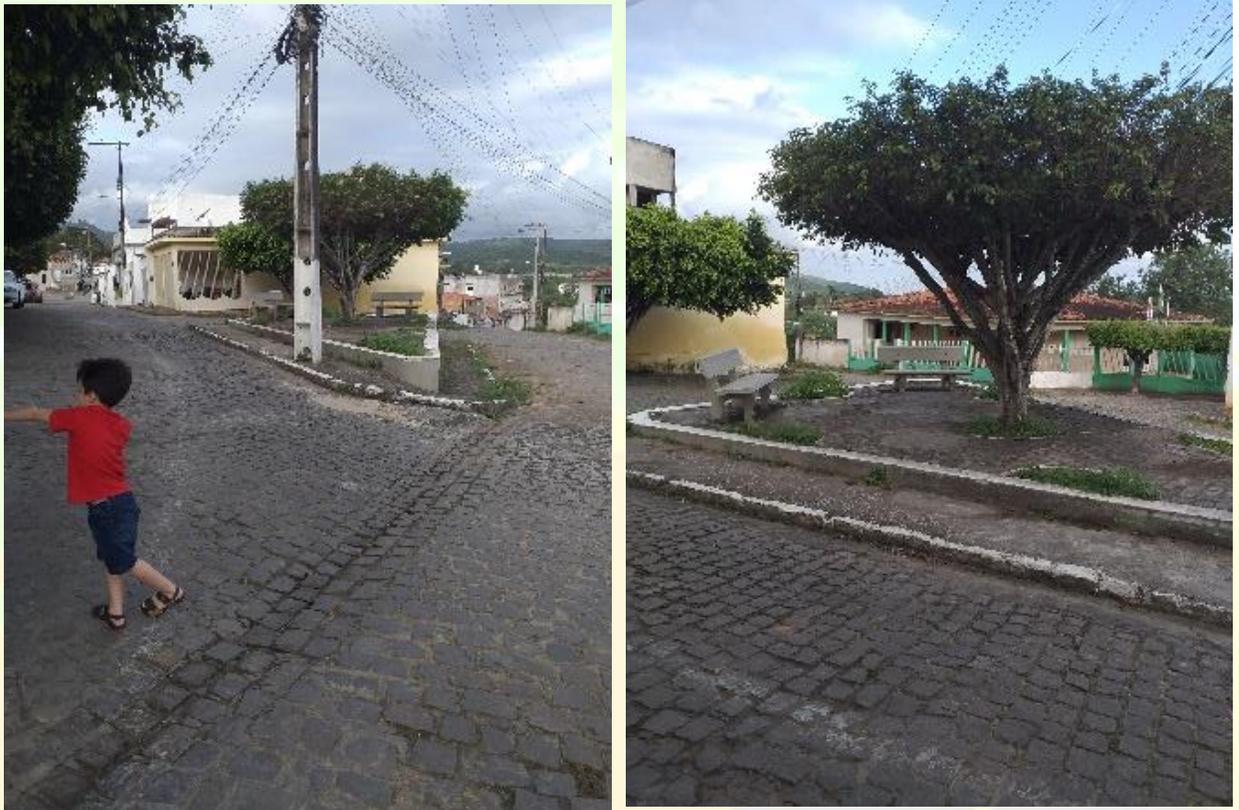
Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Quadro 7** – Impressões e registros fotográficos: praça 7 – nome não identificado

**PRAÇA 7 – NÃO IDENTIFICADA**

“Localizada entre as ruas Benício Mendes Barros e rua São Pedro, existe uma mesma configuração de espaço público que o anterior (praça 6), como uma espécie de entroncamento. Ela não passou por reforma recente, mas como forma de manutenção, recebeu uma pintura no meio fio. Tem árvore e dois bancos em concreto fixos”. Ao passar pelo local, talvez pelo horário, não presenciei movimentação e permanência de pessoas no espaço. Algo que chama bastante atenção: a forma como as casas, que não possuem recuo frontal, tem suas frentes com portões vazados, o que gera visibilidade para a rua.

**“Seu entorno imediato dispõe de casas do tipo térreo. Não foi percebido movimentação ou uso”.**  
(REGISTROS VERPERTINOS, COM MINHA MÃE E MEUS SOBRINHOS).



Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Quadro 8** – Impressões e registros fotográficos: praça 8 – Floriano Salgueiro Silva

**PRAÇA 8 – NÃO IDENTIFICADA (PRAÇA FLORIANO SALGUEIRO SILVA, nome identificado apenas com documento solicitado a pessoas locais)**

“Nas imediações do trecho da BR 316 (km 574-600) e da rua Maria Lila Carvalho, foi disponibilizada, recentemente, a praça em questão, como equipamento urbano, aparentemente construída como uma forma de bem público para a cidade, com um totem do Rotary Clube e com dois bancos de madeira, fixos. Por ser um local que não dispõe de sombra, seu uso se destina aos horários vespertino e noturno. Seu entorno tem lojas, casas e um santuário de Nossa Senhora de Guadalupe”. Durante a passagem, presenciei pouca atividade do cotidiano sendo desenvolvida no entorno da área pública, em razão do horário, pela escassez de sombreamento e também pelo fluxo mais frequente de automóveis.

“Não vi uso deste lugar no horário em que passei por ele”.  
(REGISTROS VERPERTINOS, COM MINHA MÃE E MEUS SOBRINHOS, BERNARDO E DANTE).



Fonte: elaboração autoral, 2023.

### 3.3. TRAJETÓRIA 3

No percurso 3 foram visitadas cinco praças, em horários e dias distintos, para que fosse possível presenciar a dinâmica dos espaços. Os registros noturnos foram acompanhados por meu amigo Otavio, visto que ao anoitecer, mesmo não tendo tanta ocorrência de violência, a cidade não transmite a sensação de segurança a ponto de se andar sozinho, principalmente por ser uma mulher, me senti mais vulnerável. Elenco as praças de número 11 e 12, que por serem mais afastadas do centro, são menos movimentadas, exceto pelo fluxo de veículos, que ocasionalmente passam pela região.

Um ponto controverso é de que, mesmo sendo a praça 11 com o entorno predominantemente residencial, os moradores não têm o hábito de uso do espaço. As casas, mesmo tendo uma parte significativa com suas portas com frente imediata na rua, sem uma área ou garagem, não é visto o permanecer dos moradores na calçada, conversando com seus vizinhos. Além disso, esses dois locais dispõem, atualmente, de iluminação pública ineficiente, favorecendo ainda menos a permanência dos moradores e transeuntes. Mesmo sendo localizada no encontro de duas ruas e próxima a estabelecimentos de acentuada movimentação no horário noturno (academia Sertão Fitness e o restaurante de comida oriental Oishi Sushi), não passa a sensação de segurança e não apresenta característica de permanência, ficando subutilizada, condição agravada por também apresentar iluminação inadequada ao espaço.

**Figura 9** - Pannel do terceiro registro fotográfico das praças da cidade de Santana do Ipanema, com informações sobre minhas impressões e demonstração do percurso realizado



Fonte: captura de tela do Google Earth, editada pela autora na plataforma MIRO, 2023.

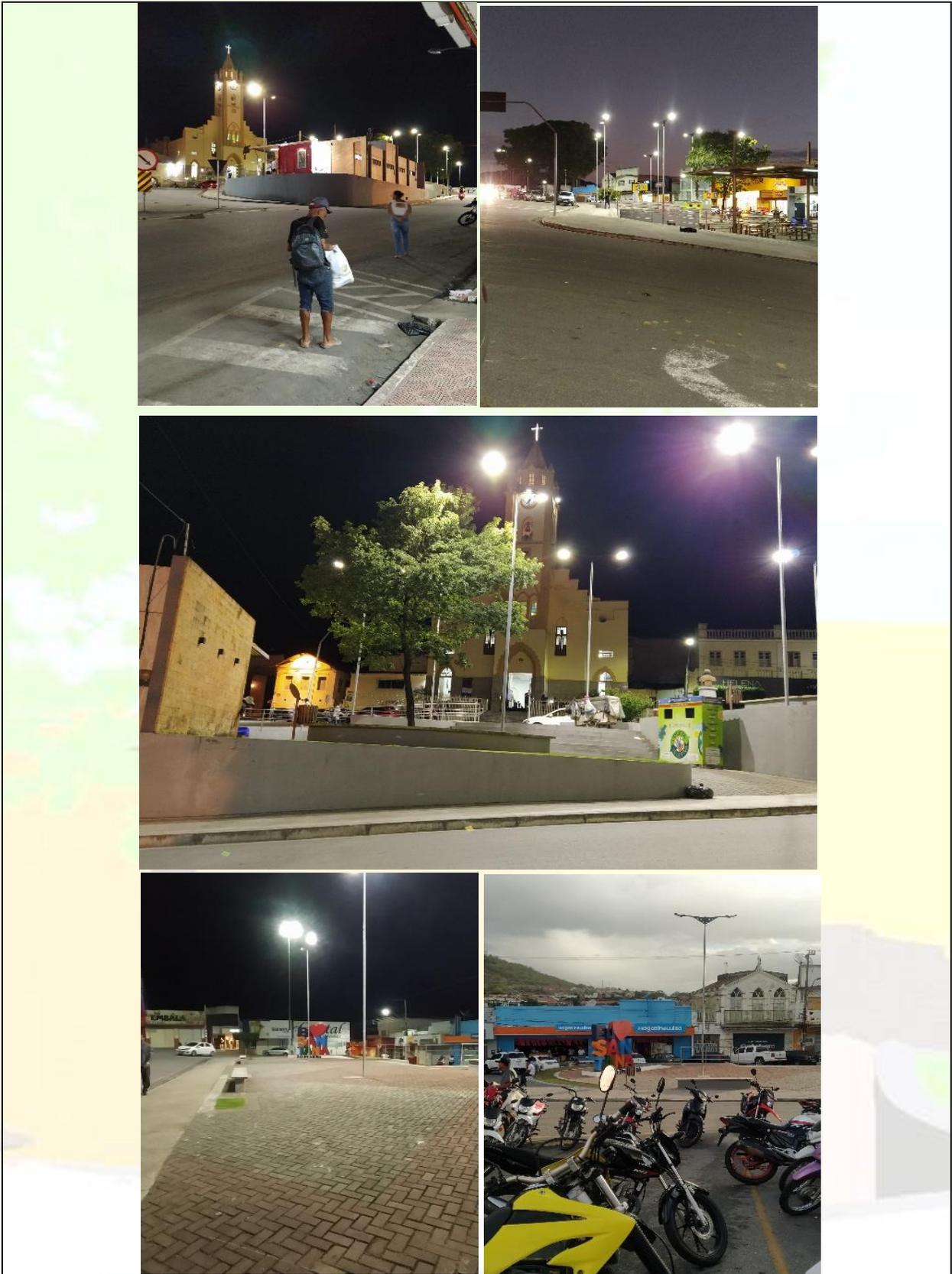
**Quadro 9** – Impressões e registros fotográficos: praça 9 – Senador Enéas Araújo e Manoel Rodrigues da Rocha

**PRAÇA 9 – SENADOR ENÉAS ARAÚJO E MANOEL RODRIGUES DA ROCHA**

“Me desloco em busca de espaços públicos, a dizer, praças. Registrar *in loco* por fotografia e por experienciar o espaço coletivo. O ponto inicial é a praça da Matriz, que é a junção de duas praças (entre as ruas: Nilo Peçanha, rua Cel. Lucena Maranhão, Av. Dr. Arsênio Moreira e rua Barão do Rio Branco). Ambas, apresentam um corpo único, que interligadas, desenvolvem atividades de atração distintas. A praça defronte à Igreja Matriz de Senhora Santana, Manoel Rodrigues da Rocha, atualmente, abarca uma praça de alimentação, com 5 quiosques construídos e um quiosque móvel do Bob’s, tem sua conformação com desnível acentuado em referência ao nível da rua, que por ocasião da reforma mais recente, buscou proporcionar pontos de acessibilidade aos transeuntes. O seu entorno também conta com topografia acentuada, com referência ao nível do rio para a igreja Matriz de Senhora Santana. A segunda parte do equipamento urbano, compreendida pela praça Senador Enéas Araújo, apresenta desnível menos acentuado, mas dispõe de acessos para PCD. Os atrativos que são dispostos no espaço, são a fonte de água com três jatos e o Totem “EU AMO SANTANA”. No mais, mobiliário: lixeiras fixas, pontos de iluminação com altura para carros (a iluminação não sendo com o foco em pedestres) e bancos fixos em concreto, nas extremidades, além de uma área coberta com pergolado sem proteção, onde ficam as mesas que servem aos quiosques”. Tive a oportunidade de presenciar a apropriação em período festivo, na festa da padroeira da cidade, Senhora Sant’Anna. A igreja, enquanto elemento arquitetônico inserido na cidade, ultrapassou as barreiras físicas que a compreendem e preencheu, não apenas as ruas, mas ao conjunto de praças defronte a ela. A forma como as pessoas se moldavam ao ambiente edificado, utilizando os desníveis como assentos, as mesas fixas como espaço imaginativo e até labiríntico para as crianças brincarem enquanto os pais assistiam aos telões dispostos na área externa da igreja... dinâmicas visíveis e sentidas ao perceber a importância da área coletiva e pública para a cidade como um todo.

**“Ao transitar e até mesmo usufruir do espaço físico, percebo como o ato de projetar pode modular gestos. Toda a extensão da praça proporciona uma atração em seu entorno, como um local de estar, seja para levar as crianças, por encontrar com alguém, por alimentação, partilhar do tempo consigo mesmo e por registrar o passar no totem, em dias comuns, principalmente no horário noturno. Em dias de evento, corais se reúnem próximo às fontes e a preenchem, sem dificultar a passagem e diferentes usos das praças”.**

(REGISTROS NOTURNOS E CAMINHEI COM OTÁVIO).



Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Quadro 10** – Impressões e registros fotográficos: praça 10 – Alberto Agra Nepomuceno**PRAÇA 10 – ALBERTO AGRA NEPOMUCENO**

“Entre a Av. Dr. Arsênio Moreira e a rua Rotary, está a praça Alberto Nepomuceno Agra, também conhecida como Praça do Toco, devido à sua forma incomum, que é replicada em muitas outras praças de cidades circunvizinhas, a exemplo de Major Isidoro, Cacimbinhas e Estrela de Alagoas. Sua peculiaridade se dá pelo formato do seu mobiliário, que devido à representação de tocos de árvore, ganha referido nome popular. Bancos, canteiros e lixeiros parecidos com troncos de árvores de grande porte cortadas, além de um quiosque. Tem apenas um acesso”. Um espaço de estar e apreciar o fluxo de idas e vindas, seria essa a definição possível a esta praça. Durante o dia, ela favorece a permanência, tanto pela sua conformação ser anexa a uma edificação antiga, quanto por ser circundada por prédios comerciais. O que ocasiona um bom local para espera. Ao anoitecer, sempre há movimento, sobretudo pelo uso do quiosque presente, que funciona no horário noturno, com a presença de jovens no local. Acredito que a inserção no meio urbano, por um de seus limites ser elevado quanto ao nível da rua, em partes, delimita e dá a sensação de proteção (o desnível pode ser visualizado no conjunto de imagens inseridas abaixo), mas, em decorrência de outro dos seus lados ser colado em uma edificação que não possibilita a visibilidade, atrelado ao acesso delimitado que restringe o fluxo de entrada e saída, gera-se a sensação de constante vigilância por quem está na praça.

**“A referida área de lazer, é bastante movimentada no horário noturno, devido ao caráter do público que a frequenta, para o consumo de bebidas, atraindo mais jovens e pessoas do sexo masculino”.**

(REGISTROS VESPERTINOS, CAMINHADA SÓ).



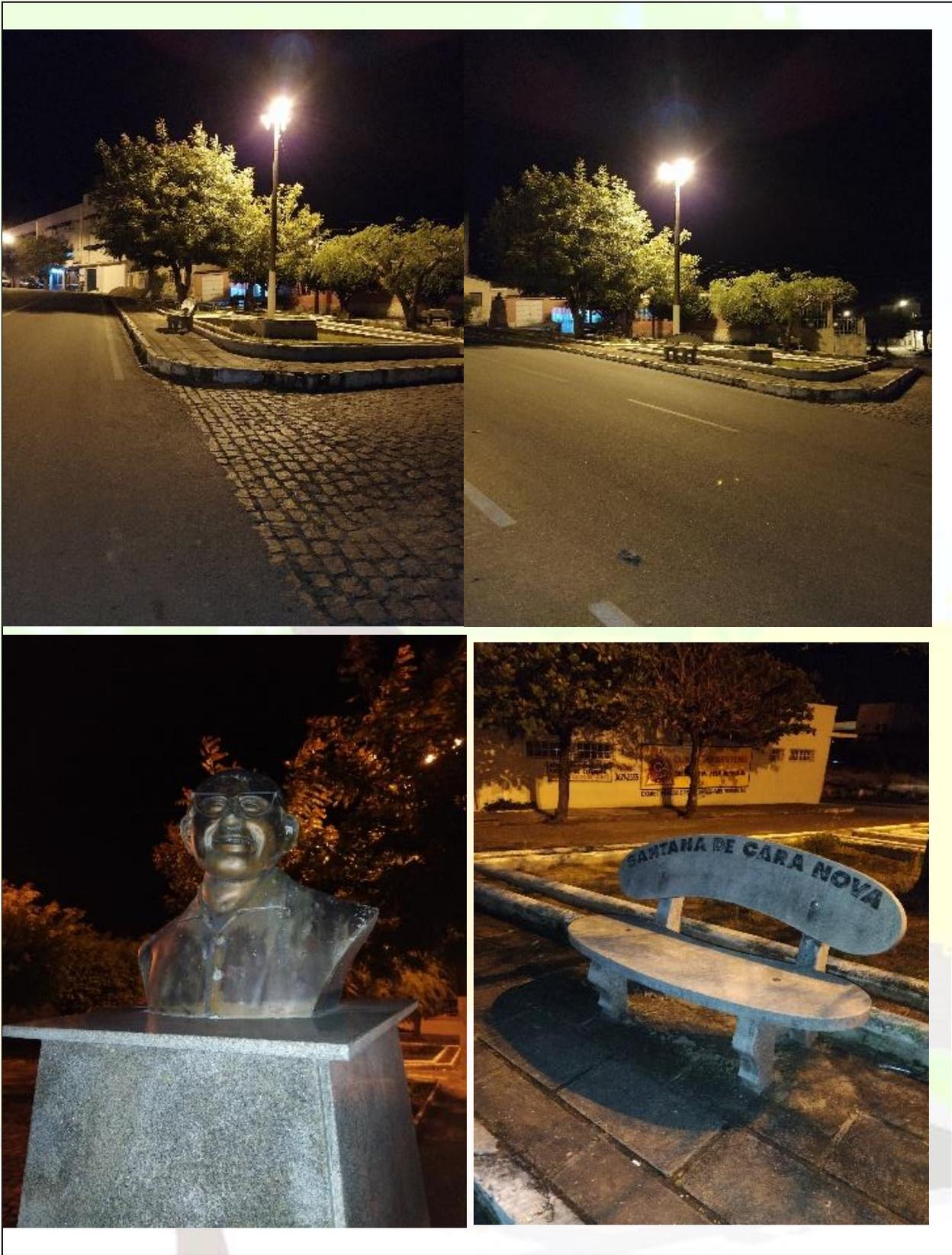
Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Quadro 11** – Impressões e registros fotográficos: praça 11 – nome não identificado**PRAÇA 11 – NÃO IDENTIFICADA**

“Este espaço público encontrado com configuração de entroncamento, mas com dimensionamento maior que os anteriores, está entre as ruas Presidente Kennedy, Av. Nossa Senhora de Fátima e Tv. Clemência Pereira de Queiroz. A praça não passou por reforma recentemente, e seu entorno é compreendido por imóveis de cunho residencial. É composta por alguns bancos em concreto fixo, com o nome ‘SANTANA DE CARA NOVA’, postes de iluminação em altura inadequada para pedestres, além de um busto, do qual não foi identificado o personagem a quem foi conferida a honra. Existem canteiros, que atualmente, não possuem vegetação, apenas a presença de árvores de porte médio e alto. Também não dispõe de identificação do nome da praça”. Ao transitar pela região em dias posteriores à visita e aos registros fotográficos, em distintos horários, a fim de presenciar a movimentação deste espaço em questão, foi possível presenciar usos pontuais, a exemplo de jovens casais nos bancos durante uma tarde (por ser um ambiente tranquilo e com pouco fluxo, principalmente em uma de suas vias). Quanto ao uso por parte dos moradores, presenciei uma roda de pessoas com cadeiras e mesas em suas calçadas, mas não avançando para a praça. Este comportamento também foi observado na praça São Cristóvão (intitulada como praça 4, da trajetória 1).

**“A praça em questão, tem seu uso dado pelos moradores locais, mas sua própria localização não estimula a presença de pessoas, o que gera a sensação de insegurança e abandono”.**

(REGISTROS NOTURNOS COM OTÁVIO).



Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Quadro 12 – Impressões e registros fotográficos: praça 12 – Lions**

**PRAÇA 12 – LIONS**

“Entre as ruas Sebastião Pereira Bastos e Tv. Benedito Melo se encontra a Praça Lions, que fica entre a junção destas. Ela tem seus acessos por meio de escadas, devido ao desnível da rua. Não passou por recente reforma, e tem seu uso destinado a transeuntes, que geralmente utilizam os empreendimentos que ficam em volta, a exemplo da academia, a CASAL e o Oishi Sushi. Durante a noite, proporciona um ambiente pouco seguro. Seu mobiliário é formado por bancos fixos de madeira, iluminação que não contempla pedestres e uma árvore Amendoeira, que sombreia o local durante o dia”. Ao passar pela praça em outras ocasiões, percebi que sempre há pessoas, e que estas a utilizam não apenas como local de espera, mas de estar. Trago dado posicionamento em decorrência da tranquilidade que o ambiente passa, não necessariamente no sentido de ser seguro, mas de permitir (por sua conformação) que as pessoas repousem por instantes. Uma curiosidade é que seu acesso se dá por escadas, o que não possibilita a acessibilidade de todos.

**“Foram feitas considerações à referida praça na descrição do painel 3 (figura 10)”.**  
(REGISTROS NOTURNOS COM OTÁVIO).



Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Quadro 13 – Impressões e registros fotográficos: praça 13 – Dr. Adelson Isaac de Miranda**

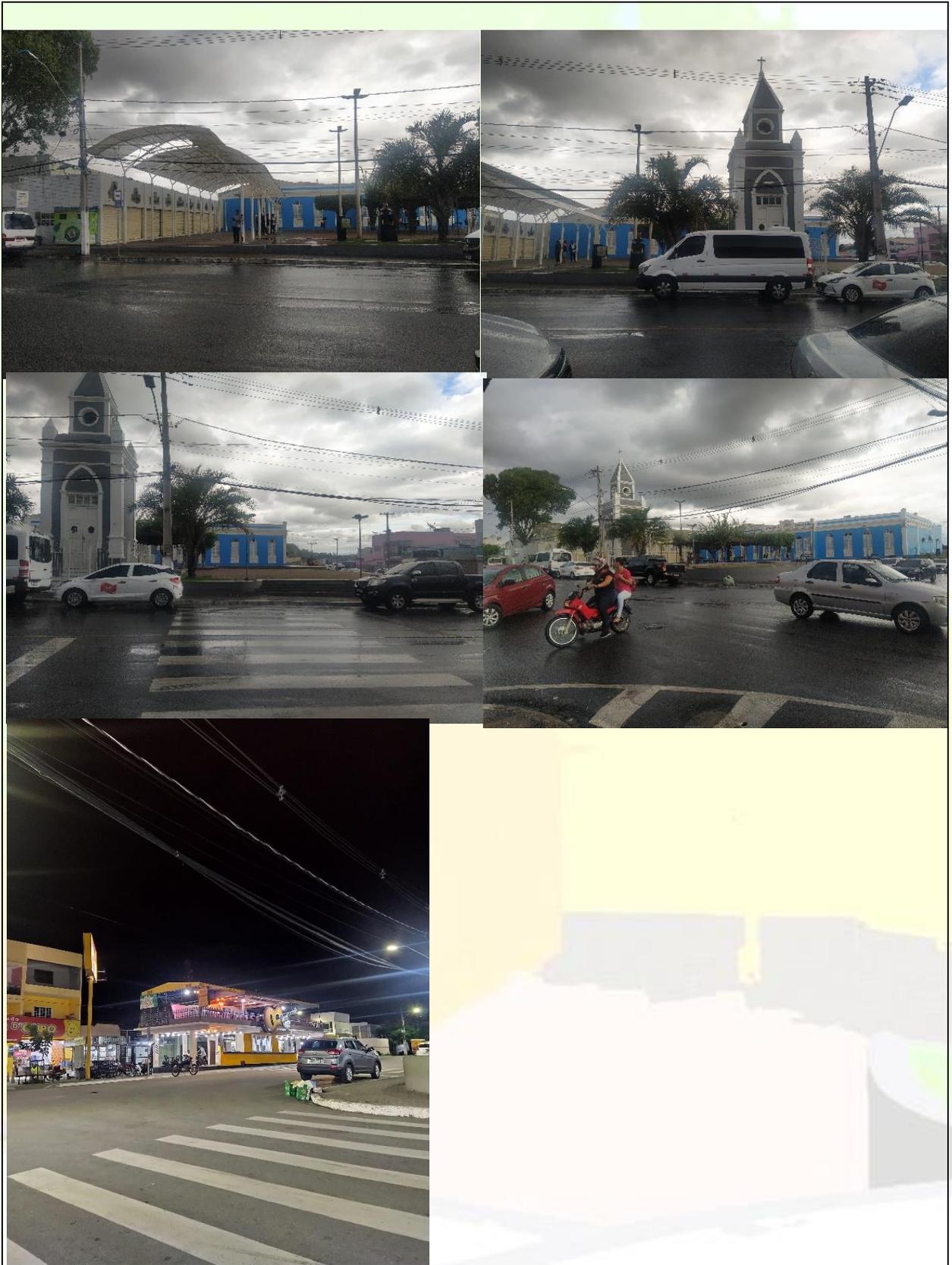
**PRAÇA 13 – DR. ADELSON ISAAC DE MIRANDA**

“A praça Dr. Adelson Isaac de Miranda, também conhecida como praça da Bandeira, é a segunda praça com maior movimentação da cidade, atualmente. Sua localização é anexa a duas escolas, sendo a entrada principal do Colégio Cenecista Santana nesta praça. A peculiaridade dela se dá pela presença da igreja

Nossa Senhora da Assunção, cuja escadaria foi onde foram colocadas as cabeças dos cangaceiros, inclusive a do mais procurado, Lampião. A praça dispõe de nove quiosques, que compreende a área de alimentação, delimitada por uma coberta de policarbonato. Além desse espaço, também fica aberto ao público os banheiros, uma área com bancos fixos e com coberta em pergolado, ambos de madeira. A praça ainda tem um palco, que em épocas de evento, é utilizado para exposições, aulas de dança, tendas... Sua área, mesmo conectada aos outros ambientes criados, funciona de forma autônoma. Está localizada em uma ponta da quadra entre as ruas Cel. Lucena Maranhão e a Av. Martins Vieira. Ao lado dos quiosques, está a Escola Estadual Padre Francisco Correia. Além disso, uma curiosidade à parte, é a TOCA (hoje em dia, funcionando como espaço para venda de frutas, legumes e verduras), que fica defronte à praça da Bandeira. Atualmente, tem uma área de alimentação particular, e em sua extremidade, um quiosque móvel de açaí e uma banca de revistas, com mobiliário urbano formado por bancos, postes e lixeiros”. Uma das praças mais vivas no horário noturno devido às atividades que são desenvolvidas nela e em seu entorno. A Escola Estadual Padre Francisco Correia atrai grande movimentação de jovens e adultos para os espaços de permanência, mas também é muito movimentada por transeuntes, consumidores dos quiosques que levam suas famílias, criando-se um ambiente familiar e tranquilo. Em seu entorno imediato, carrinhos com venda de espetinhos e cachorro quente, o próprio prédio da TOCA, que hoje recebe o nome de Ki-frutal, funcionando muitas vezes por semana em horários estendidos ao comercial, o que favorece que se compre alimentos que, normalmente, só seria possível se adquirir em horário comercial ou em dia de feira. Farmácias e locais para café e sorvete reunindo pessoas de faixas etárias distintas, constantemente, sendo um trecho, desde dias semanais e finais de semana, movimentado e com configuração permanência mais favorável que outras localidades.

**“Uma das áreas públicas mais utilizadas e que transmite segurança, por sempre ter pessoas usufruindo-a. Possui boa iluminação e tem boa localização, além de cantinas, farmácias, mercado e de ser a mais próxima da feira livre da cidade”.**

(REGISTROS VESPERTINOS, CAMINHADA SÓ).



Fonte: elaboração autoral, 2023.

### 3.4. TRAJETÓRIA 4

Para registro da trajetória 4, me aventurei em caminhada solo. O sentimento que tive ao fazê-lo foi de estranheza, por não ter o hábito de andar por essas localidades registradas na figura 11, além de ter sido em um momento chuvoso, reduzindo o número de pessoas circulando nas ruas, e pelo entorno ser composto, em sua maioria, por residências, e por ser afastado do centro, se torna um lugar menos movimentado ao longo do dia (os moradores retornam às suas casas pós expediente, e neste bairro em questão as pessoas ainda possuem o hábito de ficar nas portas pela noite). Uma observação que conta para todos os bairros da cidade é a arborização pouco distribuída, considerando até escassa, em muitos deles, vista com maior incidência nas vias de grande fluxo, mas ainda assim, de forma pontual. As ruas são pavimentadas com paralelepípedo e nas principais, a citar, o eixo que liga o bairro do monumento ao Maracanã, são em asfalto, favorecendo ainda mais a amplitude térmica na zona urbana e menor permeabilidade do solo. Condicionantes que não apenas provocam mudanças de microclimas, mas na caracterização da história da cidade.

Para complemento das fotografias, a Praça Frei Damião foi registrada em horários diferentes (entre tarde e noite), a fim de registrar que existe, no recorte em questão, a dinâmica mista, que proporciona vitalidade à praça e seu entorno (moradores na porta, estabelecimentos comerciais abertos, pedestres, mototáxis no ponto), refletindo segurança para a região devido ao movimento e à vigilância atribuídos às atividades desenvolvidas.

**Figura 10** - Pannel do quarto registro fotográfico das praças da cidade de Santana do Ipanema, com informações sobre minhas impressões e demonstração do percurso realizado



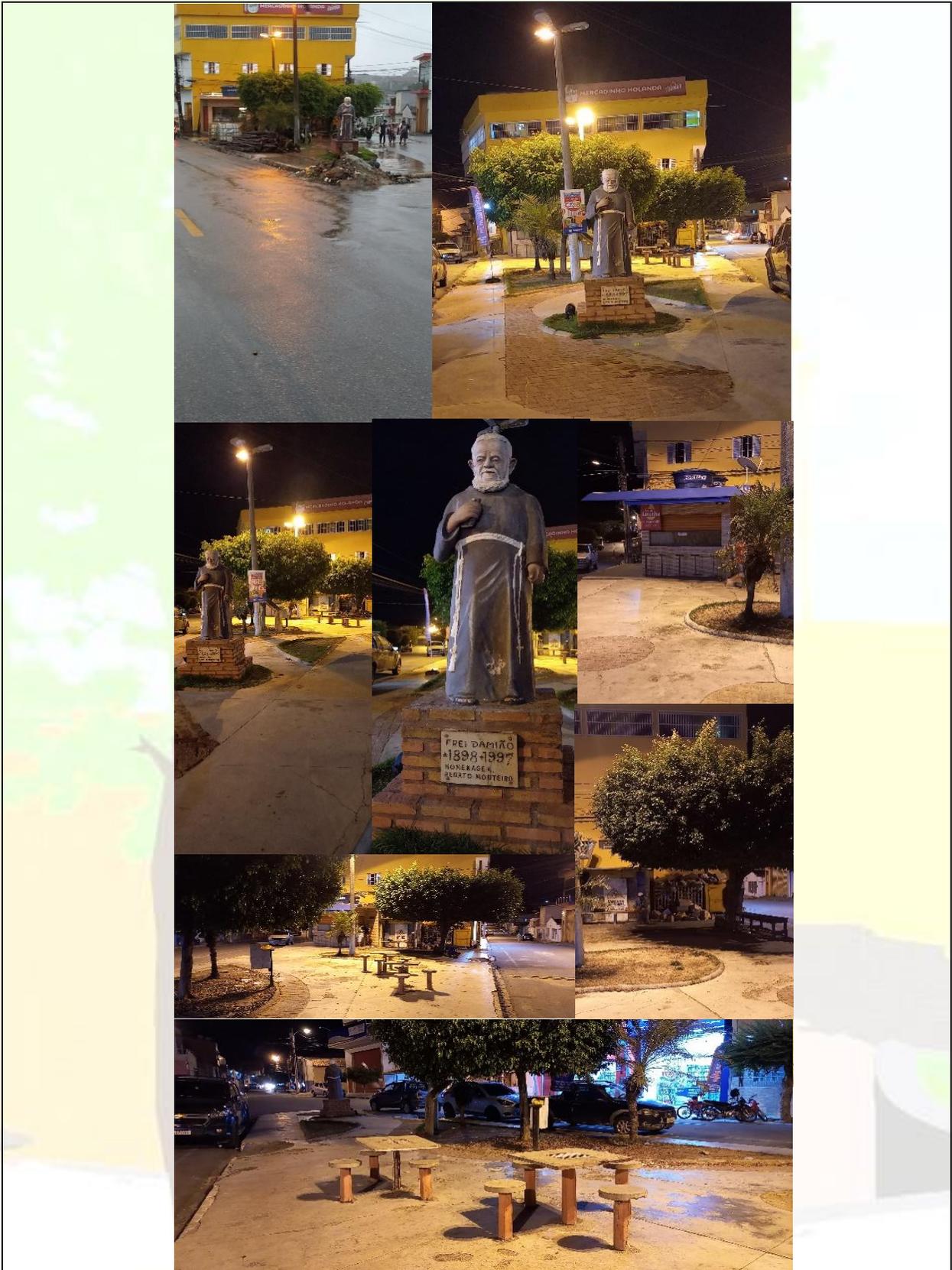
Fonte: captura de tela do Google Earth, editada pela autora na plataforma MIRO, 2023.

**Quadro 14** – Impressões e registros fotográficos: praça 14 – Frei Damião**PRAÇA 14 – FREI DAMIÃO**

“A Praça Frei Damião fica entre as ruas Delmiro Gouveia (via esquerda) e Manoel Medeiros Aquino (via direita). Sua delimitação é em formato de ‘V, que vai se alargando conforme as ruas se afastam. Ao fundo, existe o imóvel do Mercadinho Holanda, e seu entorno vem sendo transformado em área comercial, entre farmácias, açougue e a Central Funerária Osacre. É existente uma estátua que remete à figura do religioso Frei Damião, na qual está imprimida a data do seu nascimento e morte, assim como a identificação a quem fez a estátua. A configuração da praça consiste em bancos e mesas fixas em concreto, canteiros em formatos arqueados e orgânicos com vegetação arbórea e palmeiras de médio porte, contando com paginação de piso em alguns recortes com intertravado e, em sua maioria, com longas faixas em cimento queimado, e não menos importante, acesso para PCD no sentido da rua Manoel Medeiros Aquino. Além dos mobiliários citados, a praça conta com um quiosque, um ponto de mototáxi e um poste central, mas apenas com foco para iluminação das vias, não com foco nos pedestres”. A configuração da praça em questão, poderia ser considerada parecida com algumas outras existentes na cidade, mas o que a difere é o fato de ser em ambiente em mesmo nível, e que o seu entorno dispõe de uma mescla entre residência, comércio e serviços especializados, o que condiciona dinâmicas múltiplas e que são vivenciadas por quem passa, de modo tranquilo. Isso se dá desde a permanência de pessoas nas portas de suas casas, o pleno funcionamento do mercado que fica ao lado da praça e que também possui abertura na face posterior, até a constante presença de mototáxis, também com mobiliário para a sua permanência (assim como mencionado na praça São Pedro, enumerada com praça 6).

**“Por sua localização, sua vitalidade é aparente em todos os horários, o que o distingue das demais praças. Mesmo não sendo circundada por moradias, apresenta fluxo constante de pessoas, o que a torna segura”.**

(REGISTROS VESPERTINOS E NOTURNOS, CAMINHADA VESPERTINA SÓ, E REGISTRADA POR CLEBER NO HORÁRIO NOTURNO).



Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Quadro 15** – Impressões e registros fotográficos: praça 15 – Manoel Medeiros de Aquino**PRAÇA 15 – MANOEL MEDEIROS DE AQUINO**

“Localizada na rua Manoel Medeiros de Aquino, a praça, de mesmo nome, dispõe de mobiliário fixo, bancos e lixeiras, além de um busto, não identificado. Sua configuração é dada por uma faixa estreita, com alguns bancos em madeira e ferro, alguns canteiros e vegetação arbórea de baixo porte”.

**“Por não costumar ser minha rota, pouco sei sobre a forma de apropriação dos moradores locais, mas quanto ao entorno, apresenta moradias de um pavimento (em sua maioria) e pouca movimentação na via”.**

(REGISTROS VESPERTINOS, CAMINHADA SÓ).





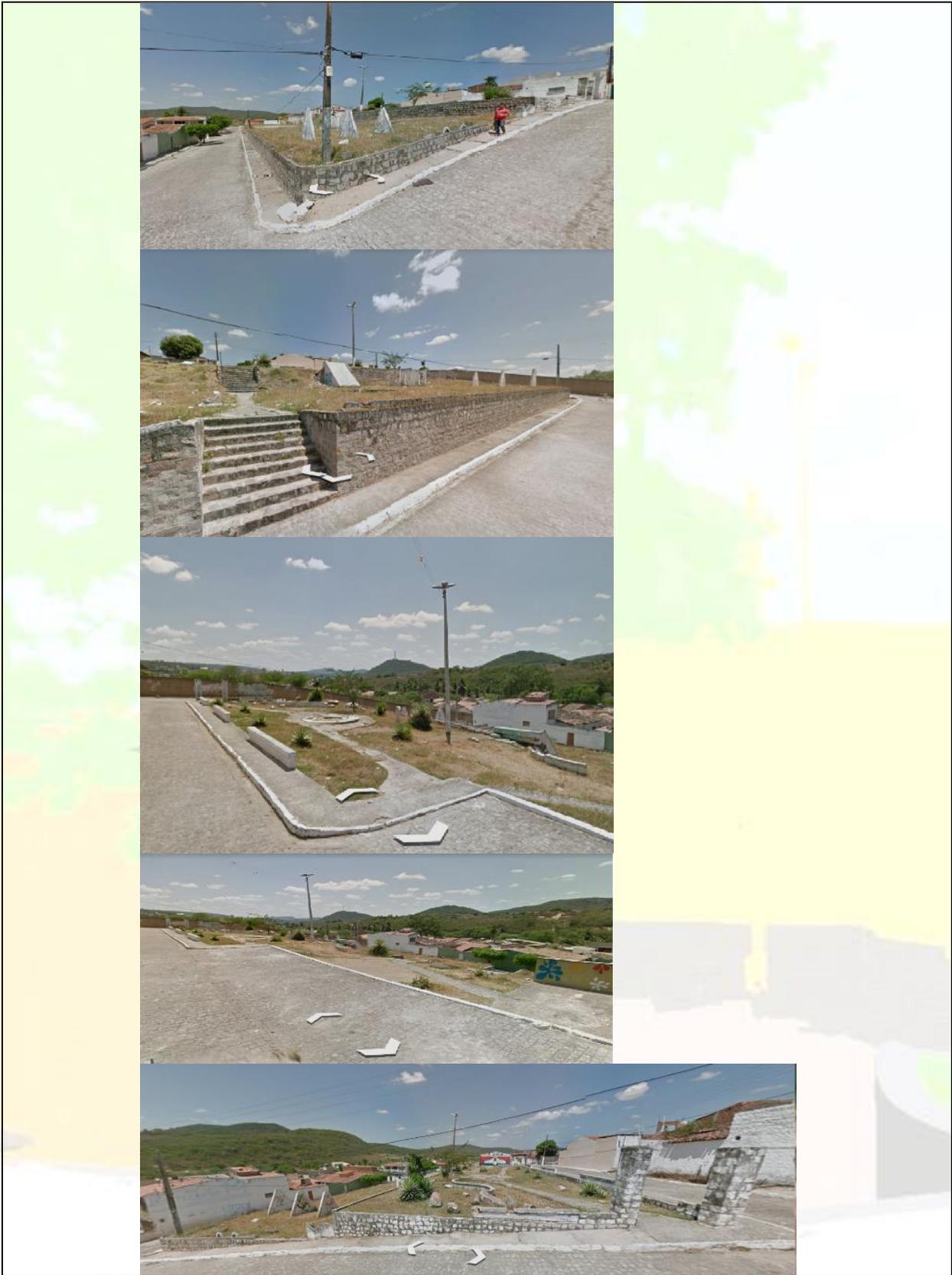
Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Quadro 16** – Impressões e registros fotográficos: praça 16 – São José**PRAÇA 16 – SÃO JOSÉ**

“Existia uma intervenção urbana nesta área, entre as ruas Manoel Medeiros de Aquino, rua Frei Damião e rua José Soares Campos. Atualmente, está sendo feita a construção/reforma da antiga Praça São José. O que irá distinguir esta praça das outras, será a pista de skate deste espaço, sendo um equipamento distinto dos demais construídos na cidade”. Quando a visita foi realizada, a praça estava em reforma e fechada em seus limites com tapumes, não sendo possível o registro fotográfico.

(REGISTRO CAPTURADO DO GOOGLE EARTH, POIS POR ESTAR EM REFORMA, AINDA NÃO É POSSÍVEL VER A OBRA CONCLUÍDA).





Fonte: elaboração autoral, 2023.

### 3.5. TRAJETÓRIA 5

Sendo o único equipamento urbano coletivo e público que fica do lado oposto ao centro, acessada apenas pela ligação da ponte, ou melhor, pontes, a praça Santa Luzia apresenta configuração semelhantes ao espaço de uso coletivo das praças enumeradas como 1, 2, 7 e 11, dos respectivos painéis: 1, 2 e 3, como entroncamento. Sua área tem elevações diferentes, tanto a nível do piso da praça, como no sentido da rua, por ter declive. Sua frente imediata está defronte ao acesso da AL-130 (sentido Olho D'Água das Flores). Uma peculiaridade desta praça, é a sua apropriação do espaço, que deveria ser coletivo, para privado. A delimitação da intervenção implicou em barras metálicas com a função de guarda corpo, coberta em telha cerâmica e um banner com a identificação do quiosque. Mesmo sendo próxima a minha moradia, nunca cheguei a frequentar o espaço, em decorrência das restrições implicadas ao equipamento urbano, responsável por determinar um público alvo: pessoas que consomem bebidas alcoólicas, e em quase sua totalidade, público do sexo masculino.



**Figura 11** - Pannel do quinto registro fotográfico das praças da cidade de Santana do Ipanema, com informações sobre minhas impressões e demonstração do percurso realizado



Fonte: captura de tela do Google Earth, editada pela autora na plataforma MIRO, 2023.

**Quadro 17 – Impressões e registros fotográficos: praça 17 – Santa Luzia**

**PRAÇA 17 – SANTA LUZIA**

“Entre as vias AL-130, Av. Vieira Martins e rua Santa Luzia fica a praça Santa Luzia (segundo moradores locais, já que não possui totem de identificação), sendo a única área de convívio coletivo da localidade. A área passou por reforma há menos de 10 anos, mas, devido ao público que a frequenta, sofreu alteração/ampliação, apropriando parte do mobiliário como espaço de uso dos usuários, que em sua maioria, é masculina, ganhando o nome de “Quiosque Telhado”. Além dessa parte, existe um outro quiosque em metal, que é independente deste citado, na parte posterior à modificação”. Ao fazer o registro do espaço, não me senti confortável, tendo como condicionante a presença constante de pessoas, o que me deixou inibida. O entorno tem a presença de empreendimentos, como reparadora de carros, mercearia e residências populares, que em sua totalidade, não tem recuo frontal, por serem lotes menores e com a porta de acesso à residência com frente imediata na rua, sendo até uma extensão da casa (a relação do espaço privado e público).

**“Morei boa parte da minha adolescência próxima a esta região, pela qual passava e visualizava sempre a presença de homens consumindo bebidas”.**

(REGISTROS VESPERTINOS, COM MINHA IRMÃ, BARBARA, E CAPTURA DE IMAGENS DO GOOGLE EARTH).



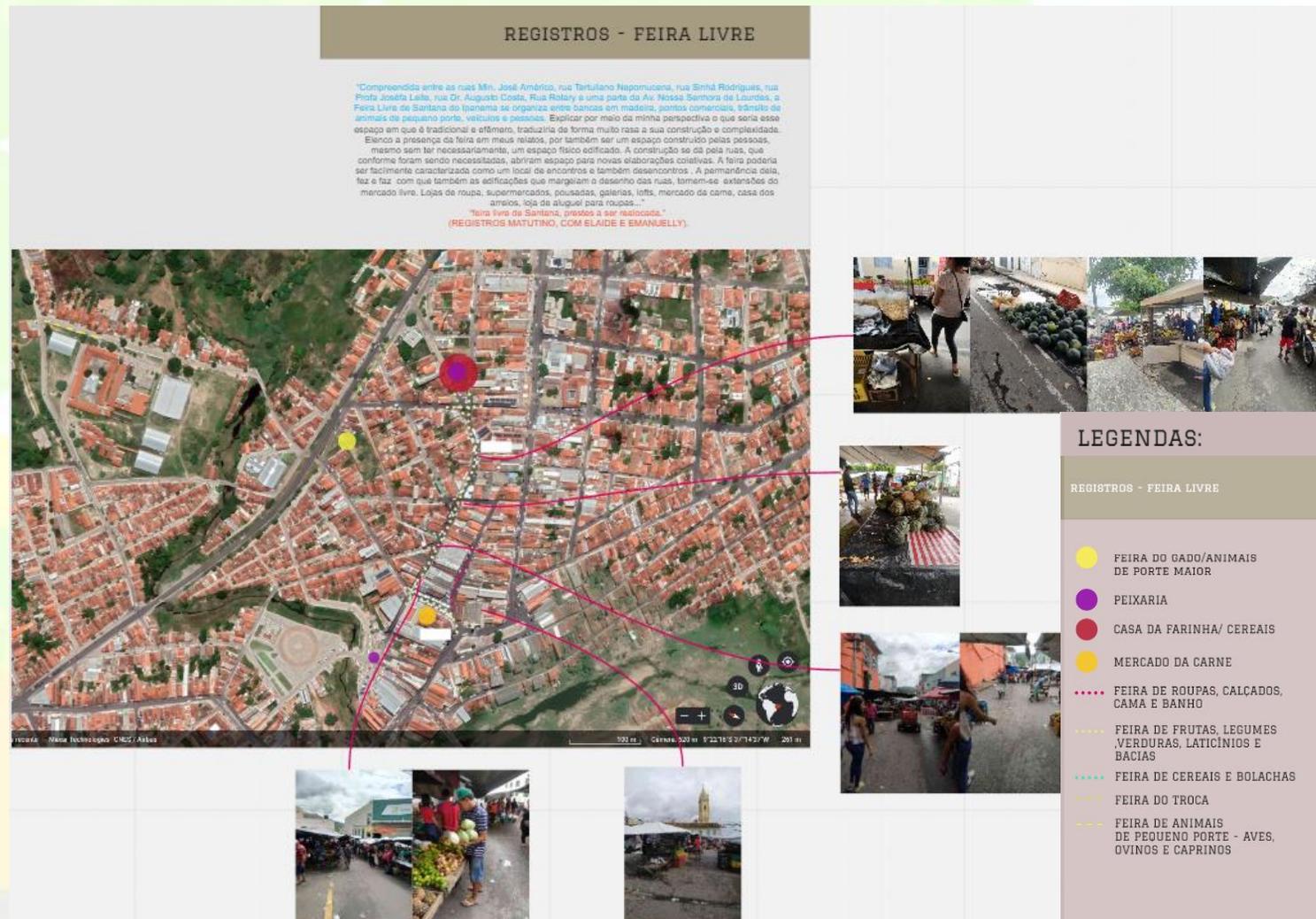
Fonte: elaboração autoral, 2023.

### 3.6. FEIRA LIVRE DE SANTANA DO IPANEMA

Considerando o registro das dinâmicas dos espaços públicos da cidade de Santana do Ipanema, e especificando ainda mais para a observação das praças destinadas ao uso da coletividade, trago o panorama, ainda que raso, da Feira Livre da cidade, evocando a inquietação da subimagem que esse fenômeno desenvolve atualmente, e o quanto ela é um ambiente (efêmero) importante e essencial não apenas na cidade, mas também para as regiões circunvizinhas (por trazer comerciantes de outras localidades). Mesmo não apresentando uma configuração semelhante das praças (em nível edificado), conforme está exposto na pesquisa, ela é um expoente em quesito de vitalidade, história e tradição.



**Figura 12** - Painel do registro fotográfico independente do eixo principal da feira livre da cidade de Santana do Ipanema, com informações sobre minhas impressões e demonstração do percurso realizado



Fonte: captura de tela do Google Earth, editada pela autora na plataforma MIRO, 2023.

**Quadro 18** – Impressões e registros fotográficos: Feira Livre de Santana do Ipanema**FEIRA LIVRE DE SANTANA DO IPANEMA**

**“Compreendida entre as ruas Min. José Américo, rua Tertuliano Nepomuceno, rua Sinhá Rodrigues, rua Profa. Josefa Leite, rua Dr. Augusto Costa, Rua Rotary e uma parte da Av. Nossa Senhora de Lourdes, a Feira Livre de Santana do Ipanema se organiza entre bancas em madeira, pontos comerciais, trânsito de animais de pequeno porte, veículos e pessoas.** Explicar, por meio da minha perspectiva, o que seria esse espaço, que é tradicional e efêmero, seria uma explanação diminuta frente ao intrincado contexto que a feira livre desenvolve, não apenas pela sua existência, mas por sua constante dinâmica de pessoas, mercadores e disposição. Elenco a presença da feira em meus relatos por também ser um espaço construído pelas pessoas, mesmo sem ter, necessariamente, um espaço físico edificado. A construção se dá pelas ruas, que conforme foram sendo necessitadas, abriram espaço para novas elaborações coletivas. A feira poderia ser facilmente caracterizada como um local de encontros e também desencontros. A permanência dela fez e faz com que também as edificações que margeiam o desenho das ruas, tornem-se extensões do mercado livre. Lojas de roupa, supermercados, pousadas, galerias, *lofts*, mercado da carne, casa dos arreios, loja de aluguel para roupas...”. Tive a oportunidade de caminhar pela feira em horários que antes não o fazia, acompanhada dos meus pais e esposo, enquanto a busca pelos melhores preços e mercadorias competiam entre si. Um dos fatos mais interessantes é a relação desenvolvida pela fidelização de quem busca por determinada fruta, ou mesmo um produto vendido em determinada banca. Consegui sentir prazer em percorrer, de banca em banca, ao parar para conversar com produtores de legumes e verduras, que também são feirantes, na construção desse intrincado desenho que a feira é, rica em detalhes, prestatividade, qualidade, busca e encontros. Trago este último aspecto, por também ser um espaço de encontrar conhecidos que há tempos não via e que se torna um momento de celebração.

**“Feira livre de Santana, prestes a ser realocada para o Mercado Público Empresário Domício Silva, na saída da cidade, BR-316 sentido Dois Riachos”.**

(REGISTROS MATUTINOS, COM ELAIDE E EMANUELLY).



Fonte: elaboração autoral, 2023.

### 3.7. PERCEPÇÃO AO E DO CAMINHAR

A princípio, eu acreditava que poderia fazer os percursos realizados e descritos, sozinha (e já os fiz, em alguns momentos). No entanto, notei que vivenciar a cidade é partilhar dela com o coletivo, e mais que isso, caminhar acompanhada foi mais divertido, instrutivo e leve. Se divagasse, caminhasse e parasse sem eles, minhas companhias andarilhas, não teria de fato, parado, sentido e por fim, descrito como o fiz. No livro *Walkscapes: o caminhar como prática estética*, Francesco Careri (2013) define que o “percurso” pode ser entendido como o caminhar, apenas considerando a ação; como uma construção desenvolvida pelo espaço enquanto agente central, e que enquanto pertencente ao contexto da paisagem, pode ser vivenciado como elemento arquitetônico; e envolver o andar, como processo narrativo, pois a forma que se apreende a paisagem, é a impressão que se pode ter do percurso.

Em primeiro plano, observei a trajetória como objeto arquitetônico. Meu foco, desde o início, foi encontrar os espaços de uso coletivo público: praças públicas. Devido ao excesso de informações (ruídos, insegurança por pontos cegos na malha urbana, trânsito) não conseguia desacelerar, e muito menos percorrer como um ato de sentir o entorno, não em todas as andanças.

Ao compilar minhas impressões, compreendi que meu gesto para com o entorno (atenção, paciência, sensibilidade), ao apreciar a cidade, em face da celeridade vinda do outro, não se conversavam, não encontravam pausa. Ao citar, nos painéis, o retorno e a pausa, foi unicamente do meu eu para com o entorno construído. Por perceber que as distâncias entre os pontos visitados, formam experiências particulares (ausentes, também constantes e muitas vezes, não presenciadas), e que enquanto observadora pontual, não conseguiria absorver as interações em sua totalidade.

Ademais, pela cronologia da construção deste TFG, pude caminhar mais, registrar e experienciar os ambientes. Por essas vivências, foi possível apreender, dentro das possibilidades que me foram apresentadas enquanto transeunte, os espaços capazes de atrair e repelir. As configurações do entorno implicam significativamente nos usos das praças. Não necessariamente tendo o mobiliário enquanto atração, mas sim o que é edificado para o entorno. Muitos desses espaços pertencentes à malha urbana, são projetados sem utilizar toda a sua capacidade de uso, e principalmente, considerando o entorno que o compreende a fim de potencializar suas funcionalidades, mobiliários, o que se pretende desenvolver para que as pessoas interajam com o equipamento e por fim, se apropriem.

Em contraponto, independente da forma que o arquiteto planeje o ambiente construído, determinando funcionalidades, materiais, possíveis usos e intenções que talvez, em teoria, funcionem, e que se planeje realizar de modos específicos, mas ao oferecer para o outro, nem sempre desempenha o que se pensa e imagina no papel. Caminhar pela cidade me proporcionou estar não apenas no papel de observadora, mas também de usuária. Me coloco enquanto agente de transformação do ambiente edificado e vejo que nem sempre o vejo da mesma forma, e ver a cidade desse modo, trouxe uma perspectiva menos engessada e mais transformadora.

Construir esses espaços (em caráter físico, como elemento construído, e em caráter social, como ponte para a interação das pessoas para com o espaço físico), que são destinados à usabilidade das pessoas nas áreas urbanas, em menor ou maior escala, pode ser dotado de capacidades previstas (enquanto caráter projetual), moduladas (do elemento arquitetônico vivenciado) e recurso de transformação do entorno imediato e da dinâmica que envolve a coletividade que a vivencia. Muitas vezes, e não raro, as propostas de espaços destinados à coletividade são elaboradas por quem não irá usá-las, implicando ainda no hábito aparentemente pouco desenvolvido de apreciar a cidade enquanto organismo vivo. Sendo o caminhar um registro feito com os pés, Careri (2013, p. 170) descreve uma grande barreira que nas áreas urbanas, aprisionam nossa extensão com a cidade.

... na América do Sul, caminhar significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço, medo de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes e medo dos outros cidadãos, quase sempre percebidos como inimigos potenciais. Simplesmente, o caminhar dá medo e, por isso, não se caminha mais; quem caminha é um sem teto, um mendigo, um marginal. Ali o fenômeno antiperipatético e antiurbano é mais claro que na Europa, onde me parece que está apenas em vias de formação: nunca sair de casa a pé, nunca expor o próprio corpo sem uma cobertura, protegê-lo dentro de casa ou no carro, sobretudo não sair depois do anoitecer.... Que tipo de cidade poderão produzir essas pessoas que têm medo de caminhar? (CARERI, 2013, p. 170).

Diante do exposto, o questionamento se direciona à forma de entender o espaço edificado como reprodução do que já se vê. Nos lugares visitados, a dizer praças públicas, das que foram reformadas entre as gestões mais recentes, não se tem um parâmetro claro do que é considerado no ato projetual, existe um padrão. O que define essas escolhas? Baseando-se em quais critérios se desenham os espaços coletivos públicos? O critério da segurança é a camada, senão única, a ser considerada como aspecto prioritário urbano (CARERI, 2013, p. 171). Não se proporciona a

necessidade de se apropriar, são lugares de estar, mas não permanecer e partilhar vivências (observando a maioria dos ambientes públicos visitados).

Considerando a construção narrativa fomentada pela experiência do caminhar pela cidade, será proposta uma análise (em perspectivas registradas em fotografias transformadas em programas de computador), a fim de explicar o entorno, elencando características pertencente ao entorno imediato das praças escolhidas, para demonstrar, através da percepção do registro, os seus usos e características capazes de potencializar outros, e proporcionar o efeito de vitalidade, considerando as dinâmicas presenciadas como ponto de observação inicial.

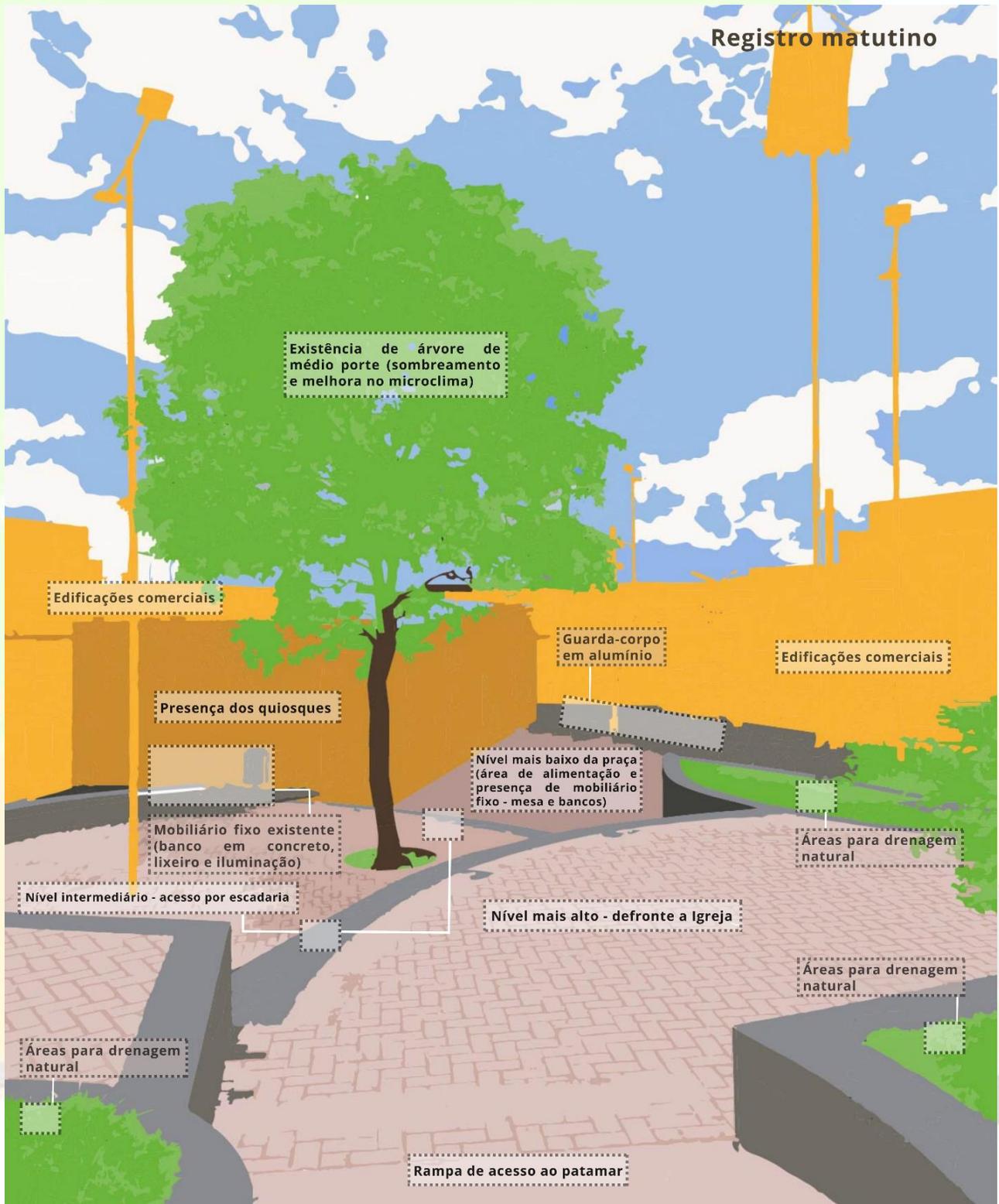
Tomando como elaboração do produto final do TFG, as praças escolhidas fazem parte do conjunto de equipamentos urbanos defronte à Igreja Matriz de Senhora Sant'Anna, a dizer, Manoel Rodrigues da Rocha e Senador Enéas Araújo. Tomo por elemento escolhido desde o início da construção do trabalho as praças supracitadas como ponto de partida das caminhadas pela cidade. A motivação de elencá-las se deu pela minha vivência enquanto moradora de Santana do Ipanema, e por sempre ter tido essa localidade como eixo central da cidade, onde ela poderia assim ser remontada, (re) feita a sua origem, ou melhor dizendo, como marco zero do que tomei para entender e percorrer o espaço público.

**Figura 13** – Registro da praça Manoel Rodrigues da Rocha, em horário noturno, em uma das noites da novena Festa de Senhora Sant’Anna, onde ficam os quiosques



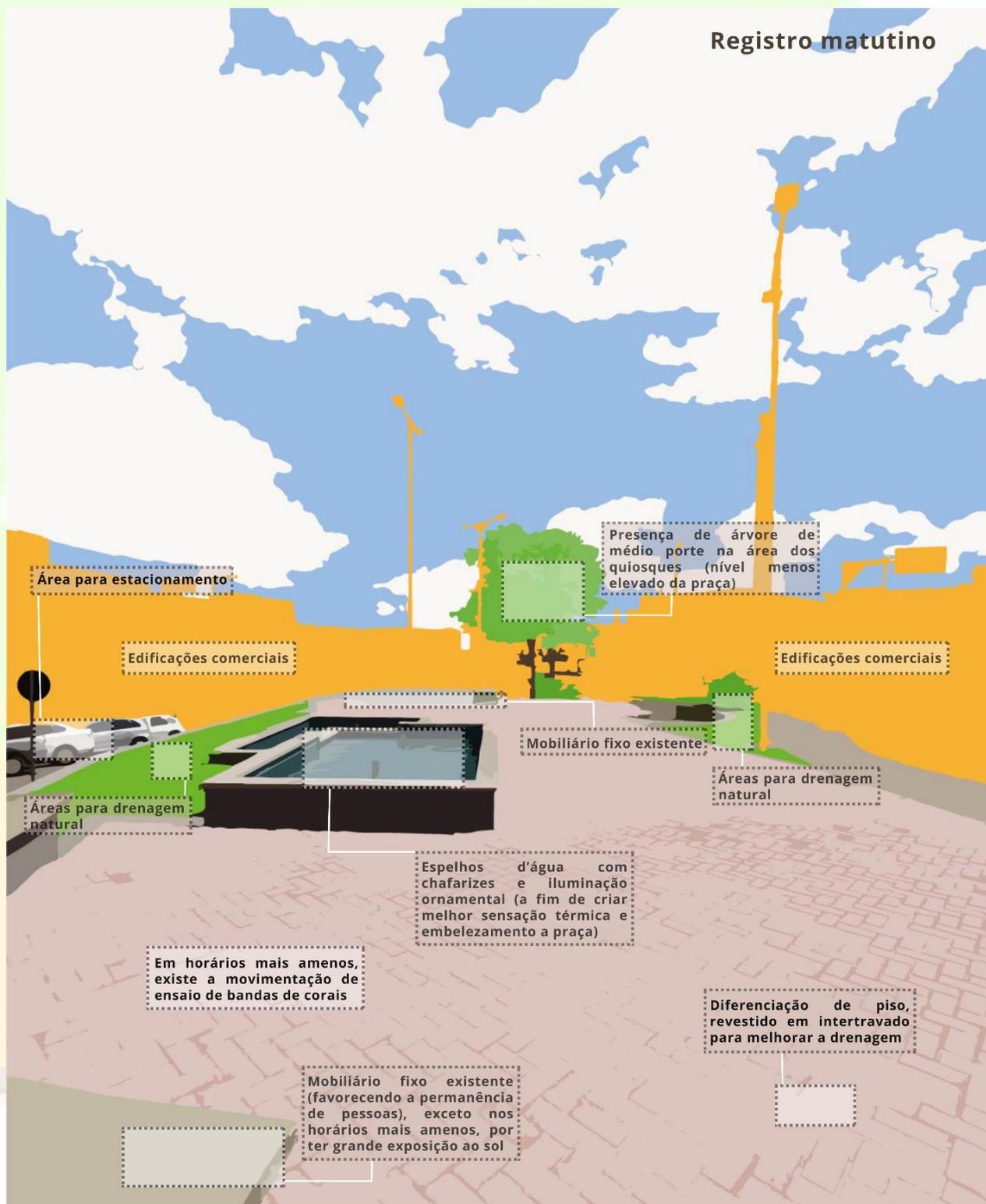
Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Figura 14** – Registro da praça Manoel Rodrigues da Rocha, em horário matutino, mostrando a parte da praça em que há maior diferenciação de níveis na topografia



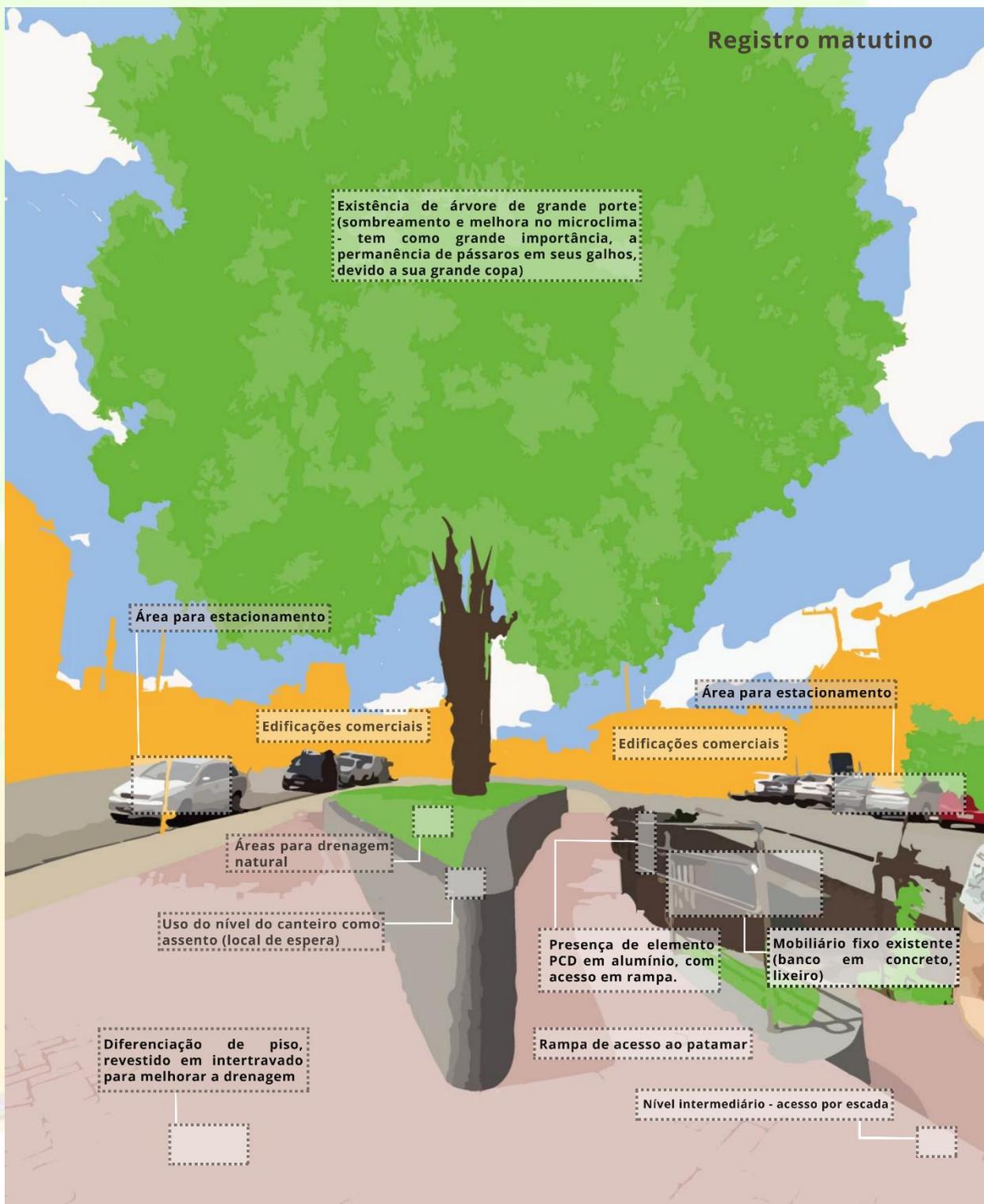
Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Figura 15** – Registro da praça Senador Enéas Araújo, em período diurno, a fim de mostrar os elementos e potencialidades presentes no equipamento público



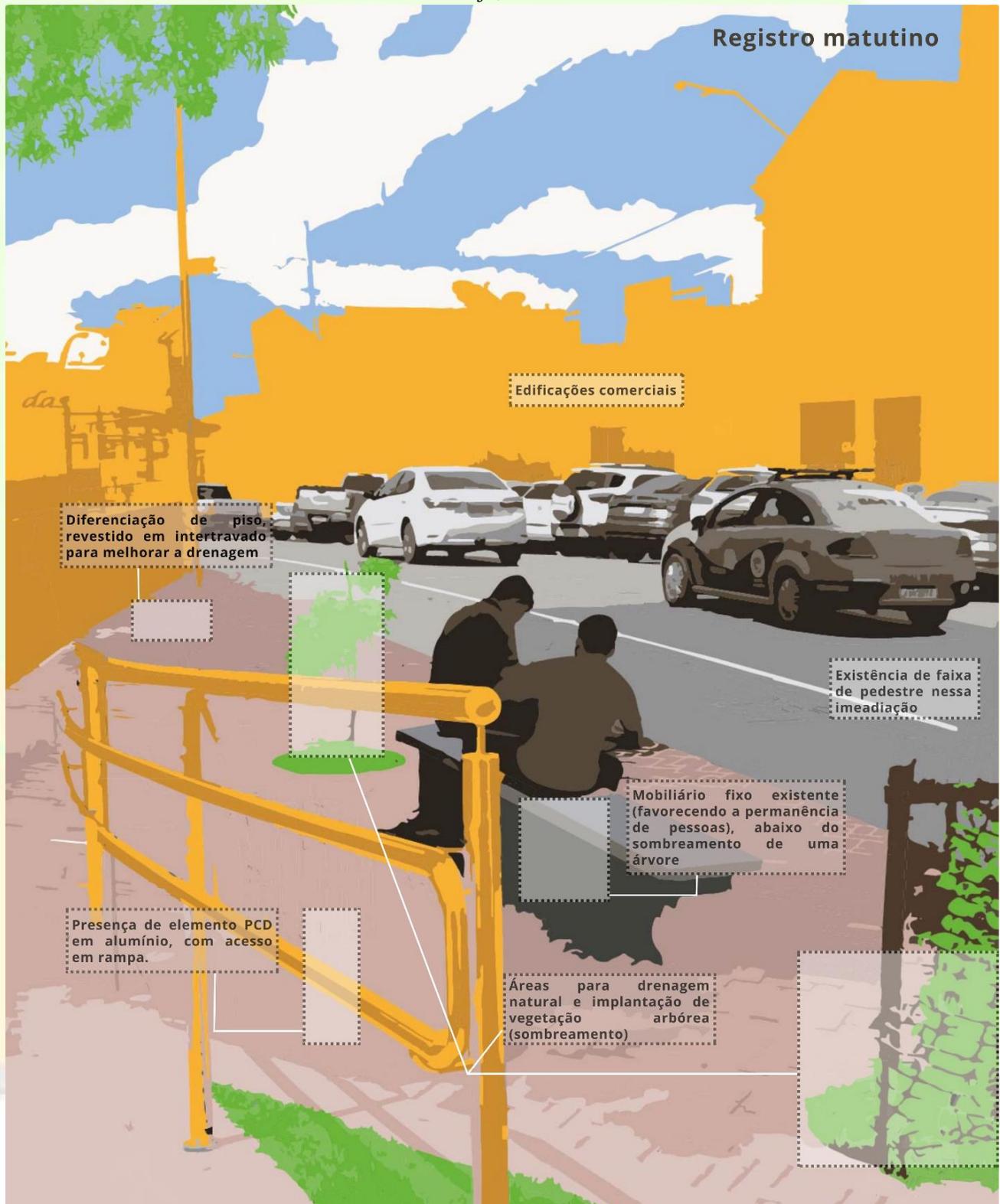
Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Figura 16** – Registro da segunda parte da praça Senador Enéas Araújo, em período diurno, com ângulo de captura com foco nas potencialidades da praça



Fonte: elaboração autoral, 2023.

**Figura 17** – Registro com captura aproximada de uso do mobiliário urbano existente na praça Senador Enéas Araújo, em horário matutino



Fonte: elaboração autoral, 2023.

Tendo em vista a escolha das praças supracitadas no objetivo do trabalho e representadas nas figuras acima, durante a análise *in loco* foram percebidas e, conseqüentemente, descritas suas características físicas que as qualificam como áreas de convívio coletivo, capazes de favorecer cenários múltiplos. Dentro do que se entende como elemento físico, o mobiliário existente, desde assentos, iluminação, quiosques (exercendo função externa para alimentação, mas com uso privado) e o próprio equipamento público, mesmo que tenham suas funções pré-atribuídas, são vivenciadas e performadas pelo público que as usam. Foi identificado que em determinados horários e dias da semana ocorre um chamamento, geralmente de públicos distintos, que em sua diversidade de faixas etárias, se conversam (presença de adultos e jovens em período diurno e de crianças, junto aos cuidadores, pela noite).

Sendo estes cantos considerados no trabalho como espaços de pausa e de trocas lentas, descrevem visualmente a característica inerente do que se é considerado como áreas públicas coletivas: onde se permanece, diminui o ritmo (pelo contexto em que se inserem) e se aprecia as vivências.

Em decorrência das andanças percorridas pela cidade, a fim de visitar os lugares definidos elencados no trabalho como cantos, praças e feiras (sendo esta última, tomada pela curiosidade de caminhar por um ambiente não edificado, mas construído por meio das dinâmicas desenvolvidas nas trocas sociais), configurei o ato de parar e pausar em âmbitos díspares.

A princípio, apenas como o ato de passagem, em que registrava e partia para o outro ponto dentro do trajeto. Conforme a construção e amadurecimento das impressões iniciais, visitava algumas áreas descritas nos painéis novamente, mas em sequências diferentes das trajetórias estabelecidas inicialmente, pausava e me demorava. Algumas em horários diurnos, outras, por estar de passagem, assim como quando me deslocava para encontrar alguém ou utilizar algum mobiliário presente no equipamento, me colocava a demorar, e percebia como determinada proposta projetual, impactava as dinâmicas desenvolvidas, em quesito da entrega de elementos que constituem as praças para a elaboração das dinâmicas sociais. Dos ritmos mais espaçados: praças Manoel Rodrigues da Rocha, praça Senador Enéas Araújo e praça da Bandeira, principalmente, pelas atividades que existem em seu entorno, e pelo que oferecem como atrativo para com os “outros” (mobiliários, espaços de convivência e alimentação e seus amplos pátios para ficar em família).

Por fim, trago a perspectiva de futura arquiteta urbanista a respeito da importância de se experienciar a cidade em seus cantos, sejam eles públicos ou privados, podendo senti-los ao

permanecer por mais tempo, apreciar em companhia dos “outros” e pausar. Sempre deixamos o nosso rastro para imprimir nossa passagem em lugares visitados, mas é sobre conectar essas áreas com as potencialidades que as envolvem, e vive-las.



#### 4 CONSIDERAÇÕES DE UM CAMINHO

A Arquitetura e o Urbanismo, enquanto ferramentas capazes de transformar as cidades por meio da construção não apenas pelo corpo técnico, mas em consórcio a experienciar o urbano, ganham notoriedade sempre que paramos para apreciá-los e, conseqüentemente, construir com eles. É perceptível que a formulação das cidades, com foco maior nos espaços destinados ao convívio coletivo e, na perspectiva deste trabalho, público, por vezes não se considera condicionantes importantes para a elaboração de aspectos sociais e o seu entorno como potencial ativo para a formulação das constantes abordagens que as pessoas podem desenvolver no ambiente edificado, e que são importantes para o fomento da contínua vitalidade e afeiçoamento dessas áreas públicas coletivas.

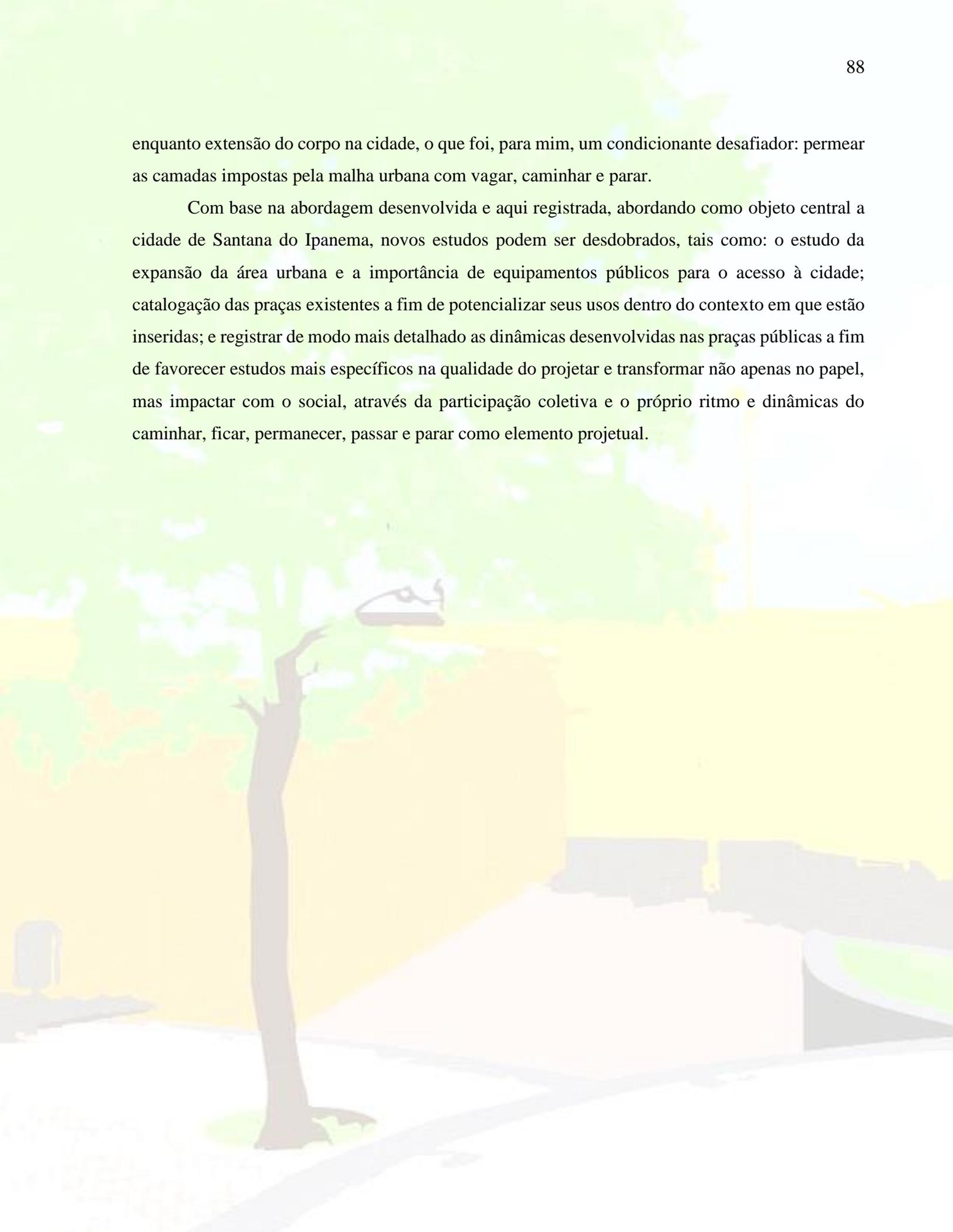
Trazendo a perspectiva da análise peripatética para o contexto urbano da cidade caminhada e sentida, Santana do Ipanema também trouxe desdobramentos quanto à necessidade de determinar áreas públicas que atraem e repelem, mas ao caminhar, foi percebido que existem mais do que esses pontos que determinei como condicionantes importantes: nem todas as praças que hoje são pertencentes à malha urbana, que as ruas tracejam até elas, ainda são espaços de convívio. E por que não o são? O entorno de fato tem seu destaque. A mescla de funcionalidades, de fluxos e dinâmicas desenvolvidas são responsáveis pela constante construção social. As transformações dos cantos que elenco como praças públicas são respiros e palco para o nascimento de pequenas a grandes transformações na malha urbana.

Nesse sentido, o objetivo principal deste trabalho fez-se concreto por visitar e construir, por meio do andar pelas ruas, como se costura os caminhos até as áreas visitadas, para registrar o uso do coletivo e a apropriação de espaços públicos livres da cidade. Alguns pontos mais demorados, outros menos permanecidos, importantes para a compreensão de sua ampla extensão das praças visitadas e seus meios de acesso, para identificar seus gestos urbanos, o permitir vagar pelas ruas com foco em se alcançar os espaços elencados. Sendo visitadas não apenas 17 praças e a feira livre, mas a formulação de painéis, registros, vivências e impressões.

Vale aqui dizer que entre as limitações encontradas no desenvolvimento deste trabalho, a principal delas foi a escassez de estudos voltados à compreensão da paisagem no âmbito do caminhar pela cidade. É fato que existem pesquisas voltadas à área, mas que não foi possível de se ter acesso devido a não estarem disponíveis nas plataformas digitais. Além disso, das referências encontradas, tanto no meio digital, quanto impressas, sempre traziam perspectivas do caminhar

enquanto extensão do corpo na cidade, o que foi, para mim, um condicionante desafiador: permear as camadas impostas pela malha urbana com vagar, caminhar e parar.

Com base na abordagem desenvolvida e aqui registrada, abordando como objeto central a cidade de Santana do Ipanema, novos estudos podem ser desdobrados, tais como: o estudo da expansão da área urbana e a importância de equipamentos públicos para o acesso à cidade; catalogação das praças existentes a fim de potencializar seus usos dentro do contexto em que estão inseridas; e registrar de modo mais detalhado as dinâmicas desenvolvidas nas praças públicas a fim de favorecer estudos mais específicos na qualidade do projetar e transformar não apenas no papel, mas impactar com o social, através da participação coletiva e o próprio ritmo e dinâmicas do caminhar, ficar, permanecer, passar e parar como elemento projetual.



## REFERÊNCIAS

- ASCOM. **Alagoas:** Obras de construção da Praça São José já estão 60% concluídas em Santana do Ipanema. Santana do Ipanema: Correio dos Municípios, 3 out. 2022. Disponível em: <https://www.correiodosmunicipios-al.com.br/2022/10/obras-de-construcao-da-praca-sao-jose-ja-estao-60-concluidas-em-santana-do-ipanema/>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- CAMINHAR e parar - Francesco Careri. Direção: Editora GGBrasil. [S. l.]: You Tube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=58Z5yPk43Po>. Acesso em: 13 jun. 2022.
- CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Editora G. Gili, 2017. 128 p. ISBN 978-85-8452-090-9.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. I. ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013. 178 p. ISBN 978-85-65985-16-1.
- CASSELLA, Tamires Aleixo. **Imagens-memória: narrativas fotográficas da arquitetura moderna de Maceió**. Orientadora: Roseline Vanessa Santos Oliveira. 2021. 212 p. **Dissertação** (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.
- CHAGAS, Clerisvaldo B. **ALBERTO AGRA E A PRAÇA DO TOCO**. Santana do Ipanema: Alagoas na Net, 20 jan. 2018. Disponível em: <https://www.alagoasnet.com.br/v3/alberto-agra-e-praca-do-toco/>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- DIAS, Juliana Michaello Macêdo. **Arquitetura em jogo: Experimentações situacionistas em Ipioca**. Maceió, 2006. 60p. **Dissertação** (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Centro de Tecnologia, Universidade Federal de Alagoas.
- FIORIN, Evandro; VASCONCELOS, Heber Macel Tenório. **CAMINHAR E PARAR COM FRANCESCO CARERI: Uma pedagogia nômade. PIXO REVISTA DE ARQUITETURA, CIDADE E CONTEMPORANEIDADE: educação em arquitetura II**, Pelotas, v. 5, n. 16, ed. II, p. 204-207, 2021. DOI [HTTPS://DOI.ORG/10.15210/PIXO.V16I15](https://doi.org/10.15210/PIXO.V16I15). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/19010/12167>. Acesso em: 30 maio 2022.
- FONTES, A. S. **Intervenções Temporárias Marcas Permanentes: A Amabilidade nos Espaços Coletivos de Nossas Cidades**. **Tese** (Doutorado em Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.
- FREITAS, Francisco Augusto C. **A habitação como espaço de habituação**. **Exagium: Faculdade de Filosofia, Ouro Preto**, ed. 10, p. 125-136, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/7102502/FREITAS\\_Francisco\\_A\\_habita%C3%A7%C3%A3o\\_como\\_esp%C3%A7o\\_de\\_habitu%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/7102502/FREITAS_Francisco_A_habita%C3%A7%C3%A3o_como_esp%C3%A7o_de_habitu%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 11 jun. 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra / RIOARTE, 2001. 160 p. ISBN 85-87220-43-8. Disponível em: <http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wp-content/uploads/arquivos/arquivo-63.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MACEDO, S.; QUEIROGA, E. F.; GALENDER, F. C.; CAMPOS, A. C. de A.; CUSTÓDIO, V.; DEGREAS, H.; GONÇALVES, F. M. Os sistemas de espaços livres na constituição da forma urbana contemporânea no Brasil: Produção e apropriação 14 (Quapá-sel II). **Paisagem e Ambiente Ensaio**, São Paulo, 2012, n.30, p. 137-172.

MAGNOLI, M. Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana. 1982. 116 p. **Tese** (Livre Docência em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MALTA, Lucas. Novas praças no centro de Santana serão entregue até dia 15, diz prefeita: Obras já estão prontas e praças devem ser reinauguradas ainda este mês. **Alagoas na Net**, Santana do Ipanema, 3 jul. 2020. CIDADES, p. -. Disponível em: <https://www.alagoasnet.com.br/v3/novas-pracas-no-centro-de-santana-serao-entregue-ateo-dia-15-dizprefeita/#:~:text=J%C3%A1%20do%20lado%20da%20pra%C3%A7a,igreja%20Matriz%20e%20Senhora%20Santana>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MALTA, Lucas. **10 anos após posposta, Ponte do Urubu vira Espaço de Convivência em Santana. Santana do Ipanema: Alagoas na Net**, 26 abr. 2019. Disponível em: <https://www.alagoasnet.com.br/v3/10-anos-apos-posposta-ponte-do-urubu-vira-espaco-de-convivencia-em-santana/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. **Estudos & Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 2, v. 7, p. -, 2007. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10926/8628>. Acesso em: 20 maio 2022

MICHELETI HONORATO DA SILVA, Talita. O uso do espaço livre público nas manifestações culturais em Joinville-SC. Orientador: Alina Gonçalves Santiago. 2017. 236 p. **Dissertação** (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182893?show=full>. Acesso em: 5 jul. 2023.

OLIVEIRA, Roseline e GUDINA, Andrej. O ar que habitamos. *In*: OLIVEIRA, Roseline e MICHAELLO, Juliana. **Corpos, casas, cidades e tempos de pandemia**. Maceió: Edufal, 2021, pp. 9-20.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. 88 p. ISBN 978-8511012033.

SANTA CATARINA (Município). Prefeitura de Itapema. Para feiras e eventos em geral nº005/2021. **Edital de chamamento de uso do espaço público da cidade de Itapema - SC**, Itapema, 2021. Disponível em: <https://www.itapema.sc.gov.br/edital-de-chamamento-de-uso-do-espaço-publico-da-cidade-de-itapema/>. Acesso em: 31 maio 2023.

SILVA, Maria Angélica da. TEMER FORMIGAS, DESCONFIAR DOS PASSARINHOS: ENCONTROS, MOVIMENTOS E AFETOS EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Catástrofes: cidades, desafios e emergências**, Maceió, v. 10, ed. 10, p. 82-89, dezembro 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaimpeto/issue/view/551>. Acesso em: 13 jun. 2022.

SILVA, Maria Angélica da. HABITAR O ESPAÇO, PRODUZIR COM AS MÃOS: experiências em dinâmicas do espaço habitado na fau/ufal. **Dinâmicas do espaço habitado**, ed. 5, p. 6-10, março 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaimpeto/issue/view/510>. Acesso em: 01 jun. 2023.

SIMPÓSIO CIENTÍFICO ICOMOS BRASIL, 1., 2017, Belo Horizonte. **FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: a evolução urbana nos 200 anos de história de Maceió, Alagoas [...]**. Belo Horizonte: [s. n.], 2017. 12 p. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/articles/201102094.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SOUSA, Daniela. **Mapa Psicogeográfico**. -, [S. l.], 25 out. 2016. Disponível em: <https://danielasousa10264.wordpress.com/2016/10/25/mapa-psicogeografico/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

TICIANELI. **Santana do Ipanema, a Santa Ana da Ribeira do Panema**. Santana do Ipanema: História de Alagoas, 21 set 2015. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/santana-do-ipanema-a-santa-ana-da-ribeira-do-panema.html>. Acesso em: 19 abr. 2023.